



FACULDADE DE CIENCIAS DA SAÚDE-FACS
CURSO: PSICOLOGIA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE MULHERES QUE PASSOU POR UM CONTEXTO INCESTUOSO

SILVANA FROTA RODRIGUES

BRASÍLIA
JUNHO/2005.

SILVANA FROTA RODRIGUES

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE MULHERES
QUE PASSOU POR UM CONTEXTO INCESTUOSO**

Monografia apresentada como
requisito para conclusão do curso
de Psicologia do Uniceub – Centro
Universitário de Brasília.

Professor doutor orientador:
Fernando Luis Gonzalez Rey.

Brasília, junho de 2005.

Eu dedico este trabalho tão sonhado a minha família em especial a minha querida mãe que esteve ao meu lado me acompanhando e me ajudando em todos os momentos da minha vida. E a minha irmã Ângela que, apesar, de morar longe desde os meus dez anos sempre esteve, muito próxima, acompanhando com muito carinho todas as fases da minha vida e em especial essa etapa de graduação. E também ao Ricardo, meu querido companheiro, que surgiu em minha vida trazendo uma visão completamente nova de mundo que ocasionou uma série de transformações dentre as quais uma nova postura acadêmica e também a sua paciência em diversos momentos que fiquei indisponível.

Agradeço a professora Morgana Queiroz por ter me selecionado (presenteado) para fazer parte do Projeto Margarida. E por consequência a equipe do projeto que, apesar, de estar iniciando já tinha vasta experiência nessa área, entretanto, adotaram uma postura aberta e acolhedora em relação aos estagiários.

Sumário

Resumo.....	07
Introdução.....	08
<u>Capítulo I-Capítulo Teórico</u>	
Concepção de infância e de família na idade média.....	10
Evolução da concepção de infância e de família na sociedade atual.....	15
A evolução e a concepção de família na sociedade atual.....	16
Concepção e violência familiar e incesto.....	18
A função dos membros da família no contexto incestuoso.....	18
Concepção de sujeito, subjetividade individual social e representações sociais.....	25
<u>Capítulo II-Capítulo Metodológico</u>	
Fundamentação da opção metodológica.....	31
Explicitação do cenário de pesquisa.....	36
Descrição das atividades de campo.....	39
Descrição dos instrumentos.....	43
Fundamentação das suspeitas a serem pesquisadas.....	47
Construção da informação.....	51

Capítulo III-Construção da Informação

Entendimento do significado do ato incestuoso e do conceito de violência na sociedade atual.....	55
Configuração da Sexualidade.....	59
*Construção da sexualidade por mulheres que passaram por um contexto incestuoso.....	60
Construção da identidade nas relações familiares.....	65
Constituição das próprias famílias.....	66
Considerações Finais.....	70
Referências Bibliográficas.....	72.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar quais são as nuances envolvidas no contexto incestuoso. A pesquisa foi realizada seguindo modelo da pesquisa qualitativa que apresenta pressupostos bem diferentes da pesquisa quantitativa. Nesse caso essa diferença é fundamental, pois, oferece possibilidades diferenciadas no momento de coleta de informações e também na análise de informações. Então os dados foram coletados a partir da análise dos prontuários das pacientes do Projeto Margarida e também nos atendimentos realizados com elas nos atendimentos individuais e em grupo. As pacientes selecionadas chegaram ao projeto por motivos variados de violência, entretanto em algum momento revelaram a experiência incestuosa. As informações foram construídas em conjunto com as pacientes e também com as reflexões baseadas na teoria até então formulada a respeito do assunto. De forma que o posicionamento da autora muitas vezes será divergente com algumas teorias e com alguns conceitos. Contudo as reflexões levaram a congruência à idéia dos teóricos que colocam a experiência incestuosa como fonte de sofrimento para as vítimas e também como ponto marcante para a construção da auto-imagem dela e conseqüentemente aos comportamentos sociais que as fazem sofrer.

A família adquiriu o formato atual a partir de meados do século XVI, através, dos movimentos que visavam reformas no sistema educacional liderados por religiosos da época como os padres e líderes das novas igrejas que surgiam concomitantemente.

As reformas nos valores familiares diretamente não tinham nenhuma relação com o surgimento das escolas e, por conseguinte a reforma do ensino que também estava acontecendo. De forma que elas foram usadas, apenas, para inserção desses novos valores entre as comunidades que compartilhavam o mesmo ambiente doméstico.

As famílias daqueles períodos possuíam características e formatos muito diferentes do que atualmente é considerado “normal”. As mesmas eram organizações de grande grupos que não necessariamente apresentavam consangüinidade que residiam em grandes residências. O vínculo de maior valor estabelecido entre aquelas pessoas se referiam à divisão do cotidiano.

De forma que as relações e obrigações parentais se configuram de forma muito diferente hoje em dia. As crianças não ocupavam o lugar de destaque do qual há costume e muito bem aceito na sociedade atual. Elas normalmente não sobreviviam por diversas questões como alto índice de mortalidade infantil ocasionado por doenças e também pelo descuido que as mesmas eram tratadas. De forma que as mesmas não deveriam ser lembradas e as que conseguiam passar por esse período já não eram consideradas mais crianças e, portanto, essa fase não merecia ser lembrada. As obrigações paternas na verdade eram configuradas de forma que as crianças eram misturadas e não havia diferenciação em relação às responsabilidades de educação de cada progenitor.

A inexistência de tratamento diferenciado para as crianças em relação aos adultos criou uma série de idéias que influenciavam muito o tratamento das mesmas. De forma que não havia crença na tão conhecida inocência infantil essa postura gerava a não separação dos adultos e crianças nas práticas sexuais porque não se acreditava na geração de problemas para os mais novos.

Os teóricos começaram a refletir sobre essas questões e começaram a formular idéias que modificavam completamente a estrutura familiar vigente. Entretanto, as idéias tão conhecidas entre as comunidades atuais surgiram não pelo bem estar e

equilíbrio mental das crianças. De forma que as mesmas começaram a ser difundidas por interesses religiosos que pregavam a salvação da alma por meio de atitudes que evitavam o pecado.

De forma que como já foi dito anteriormente as escolas foram utilizadas para a disseminação dessas novas idéias. Apesar das dificuldades para a difusão dessas idéias elas foram incorporadas entre as camadas sociais e gerou várias transformações até chegar à sociedade atual.

A família hoje em dia é um dos ambientes sociais mais importantes no que se refere à inserção do sujeito na cultura contemporânea. Uma vez que a mesma na atualidade possui um dos mais senão o maior grau de importância para grande parte dos sujeitos. De forma que as crianças passaram a ocupar um lugar de destaque entre os membros referentes aos cuidados e atenção. Os pais passaram a ter papéis bem definidos e protetores e educadores a fim de gerar sujeitos saudáveis para retribuir á sociedade todo o esforço emocional e gastos que foram dispensados a ela durante o seu crescimento e desenvolvimento.

A dificuldade de manutenção dessa estrutura “perfeita” existente no imaginário da maioria dos membros da sociedade gera um fenômeno preocupante denominado violência intra-familiar que, atualmente, pode ser considerada como um dos maiores problemas da sociedade atual.

O incesto dentro desse contexto de violência é muito freqüente, entretanto, ele é pouco discutido entre esses membros porque gera muito sofrimento entre os sujeitos envolvidos por dois grandes motivos, primeiro, referente à dificuldade de organização entre os membros e segundo pelo sofrimento que as pequenas comunidades dentro da sociedade submeteriam as pessoas envolvidas.

Dentre todas as questões de violência o incesto e os seus desdobramentos se tornou imperativo em relação a todas as questões relacionada às necessidades de conhecimento de toda essa complexidade.

Essa demanda acabou recebendo mais atenção por quatro grandes motivos: o grande número de casos de pacientes que estava chegando ao projeto, o meu envolvimento no atendimento com duas crianças que estavam sendo abusadas pelo padrasto e pelo tio, pela chegada de uma adolescente que sofreu abuso por anos e

tinha que cuidar do pai e pela preocupação de como essas crianças construiriam as suas identidades tendo passado por essa experiência.

A pesquisa foi realizada no Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) no qual existe um projeto que é conhecido como Projeto Margarida. O mesmo oferece assistência médica e psicológica a mulheres vítimas de violência doméstica e/ ou sexual. O projeto é composto por uma equipe multi e interdisciplinar composta por duas médicas (um clínico geral e uma ginecologista), dois psicólogos, uma estagiária de psicologia, uma auxiliar de enfermagem e uma assistente social que é escalada pelo hospital uma vez por mês para participar das reuniões da equipe e para algum trabalho que seja necessário o seu envolvimento como, por exemplo, visitas domiciliares.

As mulheres podem vir encaminhadas ou não por instituições quer dizer elas não precisam ter passado por delegacias ou hospitais para serem atendidas pelo projeto. É necessário que as mesmas procurem o projeto nos dias de acolhimento que atualmente está acontecendo nas quartas feiras de manhã das 8:00 à 12:00 horas.

No primeiro dia em que as mesmas chegam ao projeto a equipe faz uma primeira avaliação médica e psicológica da paciente com o objetivo de verificar quais são as suas primeiras necessidades. Uma avaliação médica, se a paciente precisa tomar medicações como contracepção de emergência e anti-retrovirais, acompanhamento de exames como anti-HIV, VDRL (sífilis) e Hepatite C num período de seis meses. E na parte psicológica é oferecida às pacientes atendimentos individuais e em grupos. E ainda nos atendimentos em grupo as mesmas podem ser separadas em grupos para adolescentes e para mulheres adultas.

De forma que o tema escolhido para esse assunto foi como acontece a construção da identidade de mulheres que passaram por um contexto incestuoso. De forma que o problema foi levantado a partir da observação da dificuldade de adquirir e manter relacionamentos de qualquer espécie desde os familiares até os amorosos. E também pela baixa auto-estima que a mesma apresenta em todos os setores de sua vida.

Capítulo I Capítulo Teórico

A concepção de infância e de família na idade média e as suas evoluções.

A infância, atualmente, pode ser considerada como um dos períodos mais importantes do desenvolvimento emocional do sujeito, pois, é nela que acontece a maior parte da formação da identidade do mesmo. De forma que é nessa fase do desenvolvimento, que muitas abordagens consideradas por muitos teóricos modernas como, por exemplo, a psicanálise considera que acontecerá a formação das estruturas psíquicas e será através dos recursos que essas formações oferecerem que os indivíduos conseguirão interagir de maneira saudável com as questões que surgirem durante a sua vida.

Entretanto, essa idéia da infância como é conhecida e aceita amplamente pela maior parte da sociedade ocidental na atualidade começou a ser difundida há bem pouco tempo, apenas, em meados do século XVII com o crescimento da burguesia e a difusão das idéias contrárias, as práticas vigentes, de muitos teóricos como, por exemplo, os religiosos.

Apesar, das colocações iniciais dos parágrafos anteriores o objetivo das mesmas não é convencer de que as idéias atuais a respeito desse assunto são superiores a visão dos períodos anteriores e sim tentar começar a mostrar as diferentes visões que existem em relação a essa fase do desenvolvimento do sujeito.

Os parágrafos seguintes descreverão como era a visão das fases do desenvolvimento do sujeito, principalmente a infância, a partir idade média e posteriormente os períodos que se seguiram e que fizeram a transição da fase anterior com a atualidade.

O resgate dessas visões é de suma importância para o desenvolvimento desse trabalho porque é no período da vivência da infância e da adolescência que acontece os casos de abusos sexuais praticados por membros da família como pais, padrastos, irmãos, tios e etc conhecido na atualidade como incesto. E também para auxiliar o entendimento do fenômeno incestuoso e os seus desdobramentos como um fenômeno social que está o tempo todo em contato influenciando e sendo influenciado pelas experiências individuais de cada sujeito.

Então, esse trabalho terá como objetivo entender como é construída a identidade das mulheres que passaram por um contexto incestuoso. De forma que a primeira abordagem a ser explorada para tentar buscar esse entendimento será a psicanalítica que já tem inúmeros estudos a respeito desse tema e também já desenvolve muitos projetos relacionados envolvendo crianças, adolescentes e adultos. E a segunda abordagem ou teoria denominada histórico cultural que vem apresentando idéias bastante diferentes que ao meu ver, atualmente, são muito mais completas a respeito da concepção de sujeito, sociedade e cultura e também de todos os outros processos envolvidos na complexidade do sujeito. E por esse motivo é de grande relevância o estudo desse assunto a partir dessa nova ótica. Pois acaba com o reducionismo relacionado aos fenômenos que envolvem o sujeito. De forma que a partir dessa perspectiva, por exemplo, os danos causados pelo ato incestuoso deixarão de ser formados apenas na infância das pessoas envolvidas.

Alguns teóricos, ao analisar a arte e os documentos dessa época concluem que a infância foi considerada como um período desimportante na vida do sujeito durante muitos séculos e pelos diferentes povos desde a antiguidade. Eles chegam a afirmar baseados em pesquisas de materiais da época, que a infância não era considerada uma fase importante para ser lembrada e alguns povos chegavam a considerá-la inexistente.

Existem muitos exemplos nas artes plásticas que demonstram essas afirmações. Nas pinturas as crianças apareciam sempre expressas como adultos em miniaturas e muitas com todos os traços físicos bem delineados. Essas distorções podem ser vistas nas pinturas das artes sacras, como por exemplo, o evangelho que Jesus pede para vir às crianças, na qual elas aparecem como verdadeiros homens em escala menor. E ainda na pintura da cena da multiplicação dos pães que também aparece um homem em escala reduzida para entregar o peixe a Jesus Cristo.

Essa percepção da infância pode ser explicada por vários motivos, entretanto, existem três que devem ser considerados os mais importantes que são o alto nível de natalidade, a morte prematura das crianças e por último a falta de importância dessa fase no desenvolvimento do sujeito. E por esses motivos se elas sobrevivessem ou não seria desnecessário mantê-las na lembrança.

Outro ponto relacionado à infância é a mentalidade que existia na época de que as crianças eram desprovidas de alma enquanto não fossem batizadas e por isso esse desapego muitas vezes poderia ser incentivado e justificado, principalmente, pela igreja e também pela população já que a quantidade de crianças batizadas era bastante reduzida naquele período.

Esse sentimento em relação às crianças pode ser entendido melhor com o exemplo de Phillippe Áries (2002) referente ao nascimento de mais uma criança em uma família de camponeses: “o consolo que uma vizinha está tentando dar a uma mulher, mãe de cinco filhos, que acabou de ter outro filho: Antes que eles te possam dar muitos problemas, tu terás perdido a metade e quem sabe todos (pág 56)”.

Entretanto, não se pode pensar que nesse período, não existiam teorias referentes às fases do desenvolvimento humano. Elas descreviam de maneira muito interessante todas essas etapas mesmo que nesse primeiro momento socialmente ela era considerada sem importância. Essas fases vieram da antiguidade clássica e foram difundidas nesse período pelos grandes livros ou o que eles chamavam na época de enciclopédias. E a mais famosa era (*Le Grand Propriétaire des toutes choses*). Na qual o volume mais famoso era o que tratava exatamente desse assunto.

Philippe Áries (2002) em alguns de seus trabalhos escreve de maneira muito completa sobre as fases do desenvolvimento humano no período em questão. No livro intitulado “História Social da Criança e da família” ele descreve as idéias de alguns autores da época relacionadas a essas fases. E que os mesmos chamavam esses períodos de “fases da vida”. As mesmas eram divididas em períodos de acordo com a idade e as características do desenvolvimento fisiológico que eram a infância, a puerilidade, a juventude, a adolescência e a velhice e a senilidade. Contudo, mesmo que essas palavras tenham se mantido na atualidade é importante ressaltar que o significado das mesmas se modificou bastante mesmo que elas tenham mantido a mesma contextualização.

A infância para aquela sociedade estaria localizada cronologicamente entre o nascimento e os sete anos de idade tendo como principal característica à fase do nascimento dos dentes e a impossibilidade da fala. No segundo momento vem a puerilidade em que a criança ainda possui características infantis e fica em torno dos

sete aos quatorze anos. A terceira fase é a adolescência que começa em torno dos quatorze anos e pode terminar entre os vinte e oito e trinta e cinco anos dependendo da maturidade de cada sujeito. As suas características principais são o crescimento físico e a procriação. A penúltima fase é a da juventude que começa com aproximadamente trinta e cinco anos e vai até os cinquenta anos. A mesma tem como característica principal a plenitude de todas as suas forças e por isso mantêm a independência de se ajudar e ajudar os outros. E por último vem a fase da velhice e senilidade que para eles começa por volta dos cinquenta anos e vai até o final da vida. As principais características dessa fase são: perda ou diminuição dos sentidos e da força e infelizmente retorno à vida dependente em relação aos mais jovens.

As crianças começaram a serem percebidas com suas particularidades a partir do século XII, através do que talvez pode se chamar de evolução das artes. Nela as mesmas começaram a serem expressas primeiramente por homens bastante jovens e depois por figuras de anjos que começaram a serem retratados como infantes. Contudo, as crianças ainda eram completamente misturadas aos adultos de forma que elas participavam de todas as atividades desde as domésticas até as práticas de jogos relacionados à sexualidade. Mais uma vez usando os exemplos de Phillipe Áries (2002) é possível observar como essas práticas relacionadas à sexualidade eram bem aceitas até mais ou menos os sete anos de idade. De forma que era nesse período que a criança começava a ser educada para se comportar junto aos adultos da maneira que eles consideravam decente. Nesse exemplo, ele usa as anotações de um nobre a respeito de todas as fases da educação que Luiz XIII recebe enquanto criança até mais ou menos os sete anos de idade. E o mesmo será descrito a seguir:

(...) A Marquesa de Verneuil colocava a mão embaixo de sua túnica, ele pedia para ser colocado na cama de sua ama onde ela colocava a mão embaixo de sua túnica e brincava com ele... E ainda quando o menino levantou a túnica e mostrou e começou a sacudir o seu pênis para as visitas que chegaram inclusive uma garotinha... E ainda quando ele estava mais velho quando ele deixou de brincar com os seus órgãos sexuais e começou a brincar com o das outras pessoas (p. 95).

Como pode ser visto no parágrafo anterior, as pessoas na idade média entendia sexualidade de forma bastante diferente do que acontece atualmente em relação às crianças e até mesmo aos adultos. As crianças, mesmo sem fazerem parte da nobreza ou burguesia, dormiam com os seus pais ou com outros adultos e também participavam de todas essas atividades inclusive as relacionadas á sexualidade.

Essas práticas não eram consideradas imorais e muito menos acreditava se que essas brincadeiras tirariam a inocência das crianças. E ainda as mesmas não eram consideradas inocentes e muito menos portadoras de sexualidade, então qualquer brincadeira que fosse feita não teria nenhum tipo de conseqüência como é pensado atualmente.

Evolução da concepção de infância na idade média até o período atual.

Esse pensamento a respeito da criança e da sua sexualidade foi mantendo a sociedade com essas características por muitos séculos apesar de já existir desde o início da alta idade média movimentos que tentavam modificar o pensamento vigente. E com o passar do tempo esses movimentos foram ganhando força e a partir daí começou a acontecer às modificações que levou até os pensamentos atuais.

Esses movimentos foram liderados, principalmente, por educadores da época como, por exemplo, os padres jesuítas e os líderes das novas religiões que estavam começando a se formarem. Esses pensadores começaram a observar os comportamentos das crianças e a partir de suas conclusões, eles iniciaram as suas inferências a respeito dessas práticas sexuais envolvendo as mesmas. Nessas observações eles começaram a “engatinhar” com o pensamento da inocência infantil que hoje é tão difundido em quase todas sociedades ocidentais.

O movimento foi ganhando força através dos tempos, entretanto, os pensadores envolvidos nesse movimento tiveram grande dificuldade em propagar as suas teorias entre as camadas sociais principalmente entre os que inicialmente eram plebeus e depois operários. Uma vez que a grande oportunidade dos clérigos propagarem as suas idéias estava nos colégios que naquele período estavam começando a surgir de forma que ainda era uma pequena parcela da população que tinha a oportunidade de freqüentá-los. E também nas igrejas através das pregações que naquele período era muito difícil por causa das distâncias e das dificuldades de locomoção.

Os argumentos que eles utilizavam para tentar mobilizar a população estavam relacionados ao pecado. De forma que os estudos realizados com objetivos diferentes do que há costume atualmente em relação às crianças, os mesmos começaram a relacionar as práticas vigentes ao pecado porque as mesmas estavam desvirtuando os pensamentos das crianças e criando atitudes nelas que eram prejudiciais à saúde das mesmas.

E fazendo uso desses argumentos eles tentavam fazer com que as pessoas deixassem de fazer sexo com as crianças dormindo junto, queriam que as crianças parassem de dormir com outros adultos e com outras crianças mesmo que elas tivessem o mesmo gênero e ainda deveria evitar que as crianças se tocassem de qualquer forma.

E foi com o desenvolvimento dessas idéias e com a adesão da população que foi começando a haver pensamentos ou correntes que modificassem concepções tão arraigadas durante séculos. Elas foram como foi dito anteriormente engatinhando e passando por diferentes etapas que começou a visão da criança como um indivíduo sem alma e sexualidade que poderia participar sem nenhum critério de todas as atividades sexuais até chegar na atualidade que tem como pensamento principal a preservação do mesmo e da infância porque segundo alguns pensadores, nela acontecem vários processos importantes para o desenvolvimento emocional saudável do indivíduo.

A concepção de família e infância na sociedade atual.

A nova concepção a respeito da infância e do lugar que ela começa a ocupar na sociedade começou a trazer mudanças gradativas na organização familiar. A mesma que antes se organizava em grandes grupos começou a se subdividir em comunidades pequenas que com o seu desenvolvimento ou *evolução* as micro famílias começaram a se subdividir em pequenas residências nas quais moravam o pai, a mãe e os filhos.

De forma que os membros dessa nova organização familiar começaram de fato a desempenhar papéis diferenciados e definidos perante a nova sociedade. Nos quais os pais passaram a serem quase que os únicos responsáveis pela educação e proteção das suas crianças, que pontuando mais uma vez já não eram mais consideradas como “coisinhas” que poderiam desaparecer a qualquer momento.

E é a partir dessa nova visão de família que o tema incesto começará a ser discutido a partir do aprofundamento do conceito da mesma e também das suas características nesse momento atual.

Então, dentro desses novos conceitos relacionados à família Clarissa de Antoni e Sílvia Helena Koller (2002) em seu artigo sobre família e violência intrafamiliar em adolescentes cita três tipos de definição do conceito de família, que serão explicados a seguir. Contudo deve se pontuar que a ênfase deste tema no presente trabalho será dada à visão psicológica.

De forma que Berenstein (1988) apud Sílvia Helena Koller (2002), nos seus estudos antropológicos sobre famílias faz a sua definição através da estrutura das relações, isto é, no grau e na natureza do parentesco. A estrutura elementar de parentesco inclui três tipos de vínculos: o consangüíneo (entre irmãos), de aliança (marido e esposa) e de filiação (pais e filhos).

Já a sociologia centraliza os seus estudos sobre a família, nas tipologias familiares que incluem: família nuclear ou de orientação (composta por pai, mãe, os irmãos e as irmãs), família de procriação (formada pela pessoa, seu marido/esposa, filhos), entre outras configurações. A família pode ser compreendida a partir do número de integrantes e da sua extensão, que determinam mudanças estruturais e ampliações no tamanho e na forma do grupo familiar, isto é, as reorganizações depois de mortes, divórcios e novos casamentos.

As definições psicológicas descrevem o grupo familiar como um conjunto de relações. A família pode ser vista como totalidade, sistema ou grupo formado por pessoas que se relacionam entre si, por parentesco e /ou por se considerarem pertencentes àquele contexto. E que de acordo com Minuchin (1982) apud Sílvia Helena Koller (2002):

(...) a família é um sistema aberto e em transformação constante de troca de informações com os sistemas extras familiares. As ações de cada um de seus membros são orientadas pelas características intrínsecas ao próprio sistema familiar, mas podem mudar diante das necessidades e das preocupações externas.

Similar a essa idéia fornecida anteriormente, o modelo ecológico do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1979) apud Silvia Helena Kholler (2002) coloca que "... a família é uma unidade funcional, isto é, um microssistema, no qual as relações devem ser estáveis, recíprocas e com equilíbrio de poder entre os diversos papéis (p.122)".

E ainda segundo as autoras desse artigo, todas as definições de família apresentadas pressupõem uma visão de família organizada, que enfrenta problemas, mas encontra recursos em si mesma ou no seu ambiente para retornar a um estado equilibrado. No entanto, nem sempre é esta a situação verificada nos grupos familiares, indicando que tais definições baseia-se em uma visão idealizada do sistema familiar.

Concepção de violência familiar e incesto.

Farinatti, Biazus & Leite (1993) apud Silvia Helena Kholler (2002) falam que a violência intrafamiliar não é, na maioria dos casos, claramente identificável origina-se de relações interpessoais assimétricas e hierárquicas, marcadas por desigualdade e subordinação. A mesma pode ser fruto de uma crise não resolvida na família, ou pode ser um padrão de relacionamento que acompanha a história familiar daquele grupo. A ocorrência de violência intrafamiliar pode ser ocultada como um segredo, o que revela a coesão doentia deste grupo.

As famílias como já foi dito anteriormente são de extrema importância para a formação da saúde mental do indivíduo. De forma que famílias desestruturadas podem funcionar aglutinando seus membros não permitindo o crescimento emocional das pessoas e também não criando sentimentos de proteção que a família remete criando como, por exemplo, as relações que envolvem segredos. E infelizmente esses tipos de relações dentro desses grupos acabam protegendo as situações que envolveram violência como, por exemplo, o ato incestuoso.

Cláudio Cohen (1997) apud **AUTOR** define o incesto como "um abuso sexual intrafamiliar com ou sem violência explícita, caracterizado pela estimulação sexual intencional por parte de algum dos membros do grupo que possui um vínculo parental pelo qual lhe é proibido o matrimônio (p 56)".

A função dos membros da família no contexto incestuoso.

A partir do entendimento do conceito de incesto é possível identificar quais são os membros dessa sociedade que estão diretamente envolvidos com o ato incestuoso. A partir dessa identificação será realizado um estudo dentro das relações familiares com o objetivo de identificar quais são todas as variáveis envolvidas nessa relação que muitas vezes num primeiro momento pode ser de grande prazer entre os envolvidos e outras inúmeras vezes causam grandes danos desde o início dessa relação

A relação incestuosa na sociedade atual é completamente proibida por causa de várias questões sociais relacionadas a valores sobre família, infância e sociedade. Cláudio Cohen (1997) apud **AUTOR** no momento em que ele afirma que a proibição do incesto é um fator estruturante da personalidade porque permite o convívio familiar e permite também que a criança se diferencie simbolicamente do pai formando e estruturando o Eu e o Super eu.

Dentro dessas relações de segredo, gabriella Ferrarese (2003) considera o incesto o maior deles por que mostra o desequilíbrio emocional de todos os membros envolvidos e a ausência da proibição do mesmo dentro da família porque de forma geral os segredos são muito mais poderosos do que qualquer palavra. Segundo Cláudio Cohen (1997) apud **AUTOR** esses segredos são mantidos por causa das relações sociais que tem como objetivo manter a família como algo sagrado, por conveniência entre os membros envolvidos e por não acreditarem que essa situação pode ser modificada.

As crianças ou as adolescentes quando estão inseridas nessas relações incestuosas muitas vezes não percebem esse fenômeno como algo ruim nas suas vidas de forma que só com o seu amadurecimento começam a surgir questões que podem trazer sofrimento para suas vidas. O que pode ser confirmado com o exemplo a seguir: Elen, atualmente está com dezesseis anos e sofreu abuso sexual pelo seu tio durante quatro anos. Ela morava com ele desde os sete anos e desde essa idade ele a olhava trocando de roupa, tomava banho com ela e ela sentia prazer porque ele era muito carinhoso com ela. A partir dos doze anos com a chegada da puberdade, ela relata que eles começaram a ter relações sexuais e a partir daí a menina passou a ser a namorada do tio. Ela relata que essa situação era boa porque o mesmo tinha muito carinho por ela. E ainda ele dava dinheiro para ela lanchar e sair com as suas amigas e

em troca ela não contava para ninguém o namoro dos dois. Essa situação começou a mudar quando a menina completou quinze anos. Nesse período ela conheceu um rapaz e começou a namorá-lo. A sua relação com o tio ficou muito ruim por causa do ciúme que le tinha por ela. A partir desse momento, a menina relata que esse namoro com o tio perdeu a graça e que ela queria sair dessa relação. Entretanto, ela ficou grávida do tio e por esse motivo ela teve que tornar pública todo o seu relacionamento com o tio de forma que os pais do menino proibiram o namoro. Então ela foi obrigada a sair da casa onde ela morava porque juizado da infância e do adolescente proibiu que ela morasse na mesma que ele. E segundo relato dela “*tudo ficou ruim porque ela perdeu os seus dois namorados*”.

Essas meninas ainda dentro dessas relações familiares conturbadas começam a desempenhar papéis que não são próprios da sua idade como entrar no lugar da mãe desempenhando as funções sociais como protetora, organizadora do lar e companheira do pai entre outras funções. De forma que para demonstrar como ocorre é importante explicitar através do exemplo seguinte como essa relação se organiza: Edvania atualmente tem quinze anos e mora numa chácara vizinha à do seu pai. A sua mãe é doente e por isso viajava muito para fazer tratamentos. Nos períodos que a mesma passava fora ela realizava todos os afazeres domésticos, cuidava dos irmãos menores e fazia companhia para o pai que se sentia muito sozinho depois do trabalho. Para dar essa atenção ao pai ela colocava os irmãos menores na cama e depois ia para o quarto do mesmo assistir televisão e acabava dormindo com ele. Essa relação durou quatro anos até ela denunciar o pai. A mesma ocorreu porque ela relata sentir muita angustia com o que estava acontecendo. Ela percebeu que a sua relação com o pai era diferente das outras adolescentes quando ela foi matriculada pela primeira vez na escola aos treze anos.

Susan Forward (Ano) coloca ainda que as crianças podem apresentar dois tipos de comportamentos a respeito desse acontecimento. Elas podem gostar porque apresentam o desejo de conquistar o amor do agressor. Esse fato pode ocorrer muitas vezes pela falta de amor e carinho que elas se encontram. De forma que o agressor nessas vezes se apresenta de maneira muito carinhosa e faz com que a criança se sinta amada e especial. O segredo nesse caso pode se manifestar para proteger a

vítima que muitas vezes ela ama e não quer que nada de mal aconteça com ele. E dessa forma não percebe os mecanismos coercitivos que se apresentam. E essa constatação pode ser confirmada como o depoimento a seguir: Andréia está com doze anos e recentemente descobriram o relacionamento que ela mantinha com o tio de trinta e seis anos. Ela saía escondida de casa todas as noites depois que a mãe e o padrasto iam dormir. A menina veio a dois anos do interior de Pernambuco onde ela morava com os avós. A mãe relata que veio para a cidade grande quando a menina tinha três anos de idade em busca de melhora logo após a sua separação. E lá a família é muito simples por isso a menina só recebia dos avós comida e um lugar para dormir. A menina passava todo o tempo na rua e só vinha em casa para comer e dormir. Ela nunca teve contato com o pai. A menina e a mãe durante todos esses anos se encontraram três vezes. Ela relata ter começado a se encontrar com o tio há uns seis meses atrás e que nesse período ela se sentiu muito feliz porque ele era carinhoso e amigo dela. Quando a mãe descobriu o que estava acontecendo chamou a polícia. A partir desse ponto desencadeou um processo pelo qual a menina fez vários exames dos quais um com objetivo de saber se ela ainda era virgem e há quanto tempo ela mantinha relações. Para salvar esse tio de ser preso ela falou que tinha perdido a virgindade com o padrasto em agosto do ano anterior. Depois através de conversas e investigações da polícia foi comprovado que a menina estava mentindo para proteger o tio.

A outra forma de sentimento que surge desse tipo de relação é o nojo e a repugnância. Na qual o agressor aparece de forma violenta e com ameaças obrigando a criança a ter esse tipo de envolvimento com ele. Nesse caso as ameaças são uns dos principais pontos da relação. E tudo isso faz com que ela tenha vergonha e se encerre nesse segredo. Como é o caso de Maria que atualmente está com trinta e seis anos e relata ter sofrido abuso sexual por parte dos irmãos e depois do tio. Ela era a irmã mais nova de três irmãos adolescentes. Ela relata que sofreu abuso dos irmãos de forma gradativa à medida que eles começavam a entrar na puberdade. A moça relata ter contado para os pais quando ela tinha mais ou menos doze anos. Após várias discussões entre os pais, os irmãos e ela, a mesma, foi expulsa de casa e acolhida pelo seu tio. Ela pensou que o pesadelo tinha acabado, mas passados alguns meses ela se

viu na mesma situação anterior, entretanto, as ameaças a respeito do que poderia acontecer aumentaram e ela teve que calar até poder sair de casa.

Nesse contexto a vítima cresce podendo pensar em sexo como algo doloroso e ruim, sente vergonha de si mesma e muitas vezes apresenta baixa auto-estima. Com todos esses sentimentos ela pode ser uma agressora em potencial ou ter relacionamentos que reproduzam os mesmos padrões da sua pregressa visto que durante a sua vida as relações afetivas e de confiança se configurou com muitos problemas ou também pode tentar ter uma vida equilibrada, mas que possivelmente precise de alguma ajuda psicológica.

De forma que continuando com a explicação da visão psicanalítica, esses fatores podem atrapalhar bastante o crescimento da criança e dificultar ainda mais o ingresso para a vida adulta. Ferrarese (2004) relata pesquisas que foram feitas na clínica psicanalítica da violência na PUC de São Paulo, relacionadas à dependência dessas mulheres na vida adulta. Ela constatou que existe uma enorme dependência que pode se manifestar por forma financeira e emocional relacionadas a diferentes pessoas que de alguma forma se envolveram nessa relação como as mães e os parceiros.

Em seu livro ela traz depoimentos que demonstram claramente o sentimento de desqualificação das vítimas em relação aos outros. Ela registra o depoimento de uma moça relacionado ao seu parceiro com o qual ela tinha uma filha. *“Nós somos casados há alguns anos e ele foi à única pessoa com a qual eu me relacionei. E ainda ontem ele veio falar que não era o pai da minha filha”*. E ainda *“Depois dele saber que eu estava grávida, nós tivemos uma relação sexual tão violenta que quando terminou eu estava com a parte inferior do corpo completamente ensangüentado”*. Por último *“A minha mãe reclama o tempo todo de que eu não consigo trabalho e que eu dependo dela até para sustentar a minha filha”*.

Esses exemplos demonstram como é frágil à identidade dessas mulheres e como elas aprenderam a viver dessa maneira desqualificadora de maneira que elas acabam mantendo esses mesmos padrões de relacionamento na vida adulta e infelizmente a partir daí podem entrar num novo ciclo de violência relacionado à vida com os filhos.

Graça Pizá (2004) faz um paralelo dos sentimentos de solidão e abandono da criança com o sofrimento de Antígona filha de Édipo que seria presa numa caverna e teria que viver sozinha e decidir seu destino por causa de códigos sociais e morais que ela desconhecia completamente. Quer dizer a criança e mais tarde o adolescente têm que buscar recursos para superar este trauma sozinho por causa das relações e códigos sociais que ele está inserido.

Susan Forward e Craig Buck (ano) fazem uma explanação muito interessante a respeito de como as vítimas de incesto se sentiam crianças e à medida que elas foram se tornando adultas. Eles pensam a experiência incestuosa da seguinte maneira “O incesto é sempre uma experiência devastadora para a vítima. Seu impacto emocional e psicológico é destrutivo por diversas razões - em parte devido a nossas reações culturais ao incesto, em maior medida pelo fato que a criança se vê atirada num papel adulto para o qual está despreparada e ainda o que é mais trágico do que qualquer outra coisa, devido à traição do agressor à confiança que a criança nele depositava (p 142)”.

Ferrarese (2004) refletindo a respeito desse tema conclui que mulheres que sofreram violência sexual normalmente repetem o mesmo padrão de comportamento com suas filhas fazendo com que exista ambigüidade nos papéis a serem desempenhados dentro do grupo familiar. Quer dizer, os papéis de mãe, filha e mulher estão trocados ou até ausentes.

E essa afirmação também pode ser confirmada quando Sandra Butler (1975) fala do distanciamento doloroso entre mãe e filha que pode ocorrer pelo despreparo afetivo da mãe por questões psicológicas que a fazem ser internada e ainda por começar a ter interesse em ter uma vida própria e isso pode criar uma sensação de abandono entre os membros da família.

Outra pessoa que está amplamente envolvida no que Sandra Butler (1975) denomina de assalto incestuoso é a mãe da vítima que mesmo involuntariamente contribui para que esse tipo de relação se estabeleça e se perpetue. Alguns autores partindo dessa visão descrevem essas mulheres como pessoas frias, passivas e dependentes do agressor de suas filhas e por isso muitas vezes são consideradas as principais culpadas.

Entretanto, elas não devem ser consideradas como co-autoras ou como as grandes causadoras do ato incestuoso já que muitas vezes ou até arriscando a dizer em todas às vezes elas passaram em algum momento das suas vidas por uma situação de violência. E por esse motivo, as mesmas podem não ter adquirido recursos para não entrarem em relações que poderiam repetir o ciclo de violência que elas estavam inseridas anteriormente ou as mesmas mantiveram esses padrões por não conhecerem outras formas de relacionamento.

No momento em que o ato incestuoso vem ao conhecimento da sociedade, algumas dessas mulheres se deparam com a realidade que muitas vezes elas preferiram não ver. E a partir desse contato elas resolvem mudar o padrão de vida que elas mantinham. E com isso elas tornam acessíveis as histórias e experiências que as fizeram ter aquela vida.

Os pais dentro dessa dinâmica, normalmente aparecem como pessoas ausentes, pouco carinhosas, muito violentas. E logo eles se desvinculam da função paterna que a sociedade espera ser desempenhada.

Sandra Butler (1975) faz uma reflexão bem interessante a respeito desses homens. Ela enfoca através dos dados obtidos em entrevistas a vida que eles tiveram até o momento em que os mesmos começaram a praticar o assalto incestuoso. Ela avaliou através das mesmas que a vida desses homens também foi muito difícil já que eles muitas vezes passaram também por algum tipo de violência desde doméstica até a sexual. Eles relatam ter vivido em famílias pouco afetivas com pais geralmente muito violentos e mães extremamente passivas e com questões sexuais mal ou não resolvidas entre outras características.

Ela faz referências ao tipo de educação que ainda hoje a maioria dos homens recebem das suas famílias e também das expectativas que a sociedade tem em relação ao seu desempenho. De forma que eles são educados para serem provedores bem sucedidos nos quais não podem demonstrar fragilidade.

Dentro desse modelo de educação as mulheres devem estar sempre a sua disposição como boas donas de casas. E também as mesmas devem sempre estar disponível para satisfazê-los sexualmente a qualquer momento.

O ato incestuoso dentro desse contexto acontece para satisfazer as lacunas das expectativas criadas dentro dessa sociedade que não ensina que na maioria das vezes ele não consegue ser o provedor da casa sozinho ou que a parceira muitas vezes não está tão disponível como ensinaram para ele e que na maior parte do tempo os filhos não admiram tanto os pais.

Durante todo o texto deste capítulo, a visão adotada foi principalmente a psicanalista, como já foi mencionado várias vezes, porque é a linha de estudo relacionada à psicologia que mais apresenta interesse nesse tipo de fenômeno. E um dos motivos pelos quais existe esse grande interesse é principalmente, por causa de um dos pressupostos básicos da teoria que é a questão da sexualidade freudiana que se apresenta como grande impulsionador das questões do desenvolvimento humano.

Concepção de sujeito, subjetividade, subjetividades individual e social e representações sociais.

A visão histórico cultural traz uma nova concepção de homem na qual o mesmo estabelece inter-relações com o ambiente e a cultura. De maneira que o sujeito se torna responsável pelas suas ações diante do mundo deixando antigas perspectivas que concebem o indivíduo como um ser passivo que hora está à mercê dos acontecimentos externos e hora todas as suas vontades e necessidades estão relacionadas a atender um desejo reprimido como, por exemplo, nas questões freudianas. E ainda pensa-se no homem como também um agente causador de mudanças dentro da sociedade e cultura na qual ele está inserido ao mesmo tempo em que a cultura também é um fator determinante em suas mudanças e na estruturação da sua personalidade. Como exemplo dessa perspectiva, a evolução da sociedade nas questões relacionadas à concepção da infância que evidentemente surgiu a partir de interesses relacionados a uma pequena parte da população, mas que com o passar do tempo foi adquirindo seguidores e tomando força até chegar ao momento atual.

Martin Baró (1989) apud Gonzalez Rey (2003) expõe muito bem essa percepção de homem em suas reflexões que é a seguinte:

(...) A identidade pessoal é ao mesmo tempo produto da sociedade e produto da ação do próprio indivíduo. Se chega a esta consequência como resultado da compreensão da pessoa humana como um ser de história: a

identidade pessoal se forma na confluência de uma serie de forças sociais que operam sobre o individuo e diante das quais o individuo atua e se faz sobre si mesmo. Ao atuar, o individuo gera uma realidade e a conhece como tal, porém por sua vez a ação se torna possível pelas forças sociais que se renovam no individuo (p 201)”

Quando Martin Baró se refere às forças sociais que operam sobre a vida do individuo, Gonzalez Rey estava introduzindo um novo conceito que foi denominado de subjetividade social relacionado aos mesmos processos sociais.

De forma que a mesma deve começar a ser entendida de acordo com Gonzalez Rey (2003) como:

(...) um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que em ambos os momentos de produção reconheçam sua gênese histórico-cultural, isto é, não associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação dentro da constituição subjetiva da história do agente de significação, que pode ser tanto social como individual (p 202)”

De forma que partindo dessa perspectiva de homem responsável pelo significado que a vida terá de acordo com a suas organizações subjetivas e também como agente causador de mudanças na sociedade e cultura na qual o mesmo está inserido num determinado espaço de tempo, a partir de agora será realizado um estudo de cada um dos membros que estão envolvidos na relação incestuosa. A partir do entendimento das concepções de sujeito, de subjetividade social que dentro dela vem às representações sociais e a subjetividade individual.

O ponto de partida para iniciar o entendimento desse fenômeno está na família e nas relações que se estabelecem dentro desse contexto

O entendimento da sociedade a partir desse conceito é interessante porque permite compreender melhor a sua mudança a partir da compreensão das produções de sentido que as representações sociais produzem, muitas vezes sem nem mesmo a ela conhecer ou perceber. Segundo Gonzalez Rey (2003) são processos de sentido relacionados às realidades sociais que os grupos possuem que perpassaram pela

história social dos mesmos. A produção de sentido é realizada através da comunicação. E ainda, a construção das representações sociais é feita através da subjetividade social, individual e do sujeito. De forma que é importante pontuar as representações sociais não devem ser entendidas como conceitos estáticos que explicam determinados fenômenos na sociedade porque as mesmas imobilizariam e manteriam obscuros os processos de inter-relações que ocorre dentro dos grupos sociais (Ibidi/*ibidem*).

A percepção e o entendimento dos códigos que as representações sociais atuais tem relacionado à família auxilia no entendimento dos fenômenos que estão acontecendo dentro desses grupos.

As representações sociais que a sociedade tem a respeito desse grupo podem ser expressas das seguintes maneiras: A família é vista como a principal instituição protetora dos seus membros dentre os quais as crianças, adolescentes e idosos tem preferência nessa hierarquia de proteção visto que são os que apresentam menor possibilidades de defesa diante dos “agressores externos”.

E ainda a mesma se apresenta como provedora financeira e emocional da criança com o intuito de introjetar valores e proporcionar o desenvolvimento das mesmas para que se tornem indivíduos responsáveis e emocionalmente saudáveis para que a partir desse ponto do seu desenvolvimento comecem a retribuir para a sociedade todo o investimento aplicado.

O pequeno exemplo das representações atuais que existe a respeito desse fenômeno social demonstra o seu caráter heterogêneo e dinâmico. De modo que partindo do conceito de subjetividade social, as mesmas, estão diretamente envolvidas nas mais diversas formas de produção de sentido subjetivo.

Outra forma de expressar esse caráter dinâmico pode ser entendida também através da concepção do significado de família e dos fenômenos relacionados no período da idade média. Ela naquele período representava um aglomerado de pessoas que poderia ou não estar ligadas consanguineamente, mas que acima de tudo moravam num mesmo local e partilhavam o seu cotidiano. Para elas as maiorias das “obrigações” existentes nos grupos familiares atuais não existiam e ainda para aquela sociedade essa percepção poderia ser considerada absurda já que ela não atendia as necessidades daquelas comunidades.

Os pais dentro dessas expectativas sociais têm a função de provedores de todas as necessidades dos filhos desde as materiais até as emocionais. De forma que eles, através dessas obrigações, se tornam responsáveis pela vida desses filhos. E a partir desse ponto dentro das relações, a sociedade dá de forma velada aos pais velhos plenos poderes de decisão sobre a vida dessas pessoas.

Em contrapartida as crianças perante a sociedade tem que aprender a serem obedientes e gratos aos adultos. Já que eles dão todo tipo de assistência para a manutenção da sua vida. Essas relações de proteção que se estabeleceram dessa forma, na maioria das vezes têm sucesso já que a criança utiliza alguns artifícios para cativar os adultos, além, dos que a sociedade já mantém as para mobilizá-los. Como por exemplo, em relação à sociedade a concepção de infância e de criança desprotegida e em relação aos “artifícios” que as crianças utilizam como o seu desprotegimento em relação às adversidades da natureza e as “gracinhas” que elas fazem para despertar bons sentimentos nos adultos que terão que protegê-las.

A partir desse pressuposto de responsabilidade que os pais tem sobre a vida desses indivíduos “desprotegidos” perante a sociedade surgem fenômenos como as relações de poder. Esse fenômeno é entendido como uma forma de expressão ou de tentativa de manter poder de um grupo que pode estar em minoria ou não sobre uma pessoa ou grupo. Essas relações podem se estabelecer de formas variadas como coerção, manipulação de mecanismos sociais entre outros. Dentro dos grupos familiares, essas manifestações ocorrem normalmente entre os adultos em relação às crianças. De forma que o principal meio utilizado para manter essas relações são as representações sociais relacionadas à idéia de família ideal na qual os adultos têm respaldo da sociedade em relação as suas atitudes para com a criança. E também utilizando como ponto a seu favor o desconhecimento que o infante tem em relação ao papel que é esperado dela na sociedade. Essas relações podem ser percebidas quando uma mulher adulta fala da sua experiência com a mãe “Quando criança e adolescente, eu não tinha querer o meu querer era o da minha mãe. Eu era completamente submissa às vontades dela... ela dizia que eu não tinha governo sobre mim... que eu tinha que fazer o que ela queria... E quando eu não fazia apanhava...”.

De forma que essas representações sociais a respeito do “direito” que os pais possuem sobre a vida desses sujeitos podem gerar as mais diversas formas de violência dentro desse grupo inclusive a sexual.

Esse fenômeno acontecendo dentro do grupo familiar normalmente gera várias complicações em todos os membros, obviamente, de diferentes maneiras já que enquanto um ou alguns se colocam como superiores dentro dessa relação outros são mantidos coagidos sob as mais diversas formas. Dentro dessas relações que foram estabelecidas, as crianças são as que mais sofrem já que socialmente é permitido aos pais que eles tenham qualquer tipo de atitude para “educar” e não deixar que elas sofram quando adultos.

A violência intrafamiliar surge no contexto a partir das relações de poder que foram estabelecidas dentro daquele grupo por qualquer membro. De modo que continuando com a idéia de representações sociais dentro dos processos de subjetividade social, a mesma começa a se formar a partir das variações que os papéis de cada individuo tem nesse contexto social. Começando a pensar nesses papéis cada membro tem uma função dentro do grupo familiar. O pai dentro das representações sociais existentes na maioria das vezes aparece como o principal provedor da família e que todos membros são seus dependentes mesmo que eles de alguma forma produzam meios para o grupo sobreviver. E ainda continuando com o papel do pai dentro desse contexto social, ele tem direito em relação a todos os membros da família.

Esse pensamento ainda vigora no imaginário social mesmo que na sociedade esteja apresentando movimentos que quebram esse paradigma. A mãe mesmo que trabalhe e produza renda que auxilie ou até mesmo seja a maior mantenedora da casa tem obrigações perante a sociedade em relação a sua família. Ela deve desempenhar no seu lar o papel de apaziguadora de todos os conflitos que por ventura aparecerem, cuidar dos filhos e de tudo relacionado aos mesmos como escola, alimentação entre outras coisas, manter a casa em perfeita ordem de organização. E ainda em relação ao marido tem que ser atenciosa, carinhosa como diz num dado versículo da bíblia ainda tem que ser submissa ao marido que em contra partida ele jamais será injusto com ela.

Os filhos diante de tantas obrigações que os pais tem devem ser obedientes e bem educados de forma que eles retribuam tudo o que é feito por eles muitas vezes em

detrimento dos desejos paternos. E dessa forma eles serão merecedores de toda resignação e cuidado que os progenitores lhes oferece de forma tão “incondicional” como é colocado pela sociedade de modo geral.

A família quando apresenta esse quadro normalmente se une de forma tão coesa com o intuito de se proteger através da imagem de família perfeita que a sociedade prega para os seus membros que acaba gerando um outro fenômeno social que pode ser denominado como segredo no caso relacionado à família como segredo familiar. Esse fenômeno acontece num momento das relações familiares que Gonzalez Rey (2003) denomina como zonas de tensão que “São momentos dos processos de subjetivação que podem atuar como momentos de crescimento ou repressão dos espaços sociais” (p 203).

Ela pode se manifestar como agressões psicológicas indo das físicas (bater) até as sexuais. Entretanto, a extensão do mal causado não pode ser quantificada ou homogeneizada para todos os indivíduos envolvidos porque dessa forma estaria sendo negligenciado o poder de resignificação que cada sujeito tem diante dos acontecimentos da sua vida.

Capítulo II **Capítulo metodológico**

Fundamentação da opção metodológica.

Pesquisas relacionadas a relações familiares são de fundamental importância na psicologia uma vez que é uma dos primeiros lugares que o indivíduo é inserido. E deve ser considerada a maior organização influenciadora de indivíduos em desenvolvimento. O que é possível ser confirmado com o que Bronfenbrenner, 1979/1996 *apud* Silvia Helena Kholler (2000) fala a respeito desse tema:

(...) O microssistema familiar é o primeiro sistema no qual o ser humano em desenvolvimento interage, e possui um padrão de papéis, de atividades e de relacionamentos que são associados a determinados comportamentos e expectativas, de acordo com a sociedade no qual está inserido (p 126).

De forma que o tema a ser abordado nesse estudo é a questão do incesto e as relações familiares que se estabelecem, uma vez que essas relações acontecem de maneira completamente diferente do que “normalmente” pode ser considerado saudável para os membros dessa organização.

Para esse estudo, o tipo de pesquisa mais adequado é a pesquisa qualitativa, pois oferece a possibilidade de conhecer e entender melhor os fenômenos nos quais o indivíduo está inserido de maneira mais complexa já que a mesma se apresenta com princípios norteadores que diferem bastante da pesquisa quantitativa como possibilidade de livre expressão do sujeito pesquisado referente aos materiais ou a forma que a coleta de dados é realizada, na certeza da interação do pesquisador com todos os setores envolvidos na pesquisa e na forma que os dados ou resultados serão apresentados. Segundo Gonzalez Rey (2002) o termo qualitativo vem sendo utilizado como:

(...) o de qualquer categoria do pensamento, não coincide, em seu sentido semântico, com a complexa realidade que se pretende abranger em sua definição. O qualitativo como conceito alternativo às formas de quantificação que tem predominado no desenvolvimento das ciências

sociais e, de forma particular, na psicologia, constitui via de acesso a dimensões do objeto inacessíveis ao uso que em nossa ciência se tem feito do quantitativo (p.01).

o objeto de estudo na pesquisa qualitativa está associada à compreensão da natureza existencial que se define, através, dos sentidos subjetivos e também dos processos de significação. O entendimento desses processos segundo ele leva (ibidem/ibid):

(...) à definição de unidades complexas para seu estudo, qualitativamente diferentes às usadas na epistemologia quantitativa; o que faz com que a possível complementação dessas formas de conhecimento tenha de ser profundamente estudada, pois é uma questão teórica e epistemológica não estudada (p 48).

De forma a pesquisa qualitativa não tem uma definição e uma concepção tão simplista como a pesquisa quantitativa uma vez que a mesma oferece a possibilidade de percepção da manifestação da complexidade humana nas suas mais variadas formas.

(...) não corresponde a uma definição instrumental, é epistemológica e teórica, e apóia-se em processos diferentes de construção do conhecimento, voltados para o estudo de um objeto distinto da pesquisa quantitativa tradicional em psicologia. A pesquisa qualitativa se debruça sobre o conhecimento de um objeto complexo: a subjetividade, cujos elementos estão implicados simultaneamente em diferentes processos constitutivos do todo, os quais mudam em face do contexto em que se expressa o sujeito concreto. A história e o contexto que caracterizam o desenvolvimento do sujeito marca sua singularidade, que é a expressão da riqueza e plasticidade do fenômeno subjetivo (p 51).(Idem /Id)

A pesquisa qualitativa, por todos esses motivos, foi escolhida em detrimento da pesquisa quantitativa que já é amplamente difundida e aceita pela comunidade científica inclusive a psicológica por causa dos seus princípios básicos que vem das ciências naturais nas quais eles foram formulados. Princípios como: a necessidade de padronização e quantificação de todos os fenômenos em métodos matemáticos,

imparcialidade do pesquisador relacionada às questões da pesquisa, criação de formas de pesquisa com intuito de generalizar as descobertas e criar leis gerais.

(...) Quando falamos do quantitativo na psicologia, nós nos referimos a entidades que não tem significação fora de sua definição numérica, como acontece quando trabalhamos com os dados que proporcionam muitas das provas mais utilizadas pelos psicólogos: o número substitui a qualidade do objeto (p 48).

Infelizmente um bom exemplo desse tipo de prática está nas universidades dentro dos cursos de psicologia através da análise do conteúdo de algumas cadeiras como a psicometria e análise do comportamento. Apesar de ter grande afinidade com a última área de conhecimento é absurdo que as universidades públicas e particulares ainda utilizem como formas de demonstração dos seus princípios teóricos básicos elaborações de relatórios baseados na manipulação de comportamentos em animais (caixa de Skinner) e crianças (princípios de generalização e discriminação, por exemplo) sob o pretexto de estarem sob o aval da ciência uma vez que ela é munida de todo um rigor matemático que prevê a possibilidade de replicação do fenômeno e ainda considera de fundamental importância fazê-lo porque é dessa forma que acontece a evolução da ciência. Dentro desse posicionamento, o ponto que deve ser considerado ainda mais grave está relacionado à questão animal que ainda utiliza outros pressupostos como a generalização porque reduz todos os fenômenos humanos complexos a princípios comuns a seres de qualquer espécie.

As ciências sociais ou humanas foram completamente infelizes na adoção desses princípios quantitativos por tanto tempo já que os mesmos não oferecem possibilidade de expressão à complexidade humana, de forma que todos os fenômenos relacionados ao sujeito como, por exemplo, os sociais foram reduzidos a determinados padrões considerados comuns a qualquer comunidade ignorando as questões históricas e culturais nas quais a mesma está envolvida.

A pesquisa qualitativa, mesmo tendo surgido recentemente, oferece dados mais complexos desde a coleta de dados porque não engloba, apenas os dados oficiais que são coletados na utilização dos instrumentos de pesquisa como na outra perspectiva. Ela utiliza como fonte de aquisição de dados todos os contextos nos quais o indivíduo

pesquisado está inserido e consegue explicitar. De forma que a possibilidade de interação entre o sujeito pesquisado e o experimentador além dos locais oficiais como as aplicações de testes são fundamentais. Uwe Flick (2004) expõe muito bem esse ponto referente à complexidade no relacionamento entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa da seguinte maneira:

(...) Os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção de conhecimento, ao invés de excluí-la ao máximo como uma variável intermediária. As subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo da pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas ações e observações no campo, suas impressões, irritações, sentimentos, e assim por diante, tornam se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação, sendo documentadas em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto (p 22).

Um exemplo que explicita muito bem esse contexto de inter-relações entre pesquisador e pesquisado está relacionado a um relato feito em uma aula por Gonzalez Rey a respeito do tema machismo. Uma aluna dele de mestrado estava expondo essa questão para banca examinadora se referindo a uma mulher que respondeu a questionários relacionados a esse tema e não foi constatado nada que evidenciasse a existência do mesmo. Entretanto, numa conversa informal entre elas a moça falava que estava feliz por ter passado o fim de semana com a irmã que estava com câncer e dizia que só foi possível porque o seu marido estava viajando.

Uwe Flick (2004) coloca que existem três variedades de abordagens e métodos na pesquisa qualitativa, pois ela não é baseada em conceitos teóricos e metodológicos unificados.

A primeira tem como ponto inicial o estudo da subjetividade, mas se caracterizam principalmente através de discussões e de práticas de pesquisa. Na psicologia pode ser considerada como a mais utilizada uma vez que ela oferece um grau de liberdade maior de interpretação para o pesquisador e também existe maior flexibilidade de expressão ao sujeito pesquisado.

Gonzalez Rey (2002), confirma o parágrafo anterior quando coloca que a metodologia utilizada deve ser dialógica e isso implica em dizer que as relações entre os sujeitos de pesquisa e o pesquisador são de fundamental importância, uma vez que a ênfase é dada nos processos de construção das respostas e não nos dados instrumentalistas utilizados. E ainda quando ele coloca que “A abordagem qualitativa no estudo da subjetividade volta-se para a elucidação, o conhecimento dos complexos processos que constituem a subjetividade e não tem como objetivos a predição, a descrição e o controle (p.48)”.

E ele diz ainda, que as questões de estudo tentam ser entendidas através dos processos de sentidos subjetivos e de significação a respeito das questões que são colocadas pelos pesquisadores ou pelas questões que surgem durante a pesquisa. Quer dizer, o seu maior interesse de estudo é a complexidade dos processos subjetivos.

A segunda abordagem metodológica, segundo Uwe Flick (2004) estuda “... a elaboração e o curso das interações” e a terceira “busca reconstruir as estruturas do campo social e o significado latente das práticas (pág 22)”.

A principal forma de entender todos esses processos é a comunicação estabelecida entre o pesquisador e o indivíduo que está sendo pesquisado. Uma vez que, segundo Gonzalez Rey (2002), o pesquisador apenas com a sua presença influencia o processo no qual o sujeito está envolvido com a pesquisa. E ainda que o mesmo não pode ser considerado um reservatório de informações a serem coletadas. E ainda como foi dito anteriormente, os processos que ocorrem na pesquisa qualitativa são complexos e só ocorrem dessa forma por causa das relações que foram estabelecidas e também por causa da desimportância que os instrumentos de pesquisa tem. O que não significa dizer que eles são desnecessários e sim que eles tem função dinâmica dentro do processo.

E ainda a comunicação é de fundamental importância no ambiente de pesquisa porque facilita a colocação do tema a ser pesquisado, nas colocações e debates que acontecem durante a pesquisa.

Dentro da pesquisa qualitativa, outro ponto de fundamental importância é o embasamento teórico que os pesquisadores devem ter a respeito do tema que está

sendo estudado. Essa colocação se confirma quando Gonzalez Rey (2002) escreve que a respeito desse tema “a teoria é condição fundamental para dar sentido aos fenômenos que são inacessíveis de forma direta ao pesquisador (pág 61)”. O que não significa que ela deve ser considerada um dogma porque ela deve estar em constante mudança já que a sociedade e os processos humanos também estão.

Outro ponto de fundamental importância que difere a pesquisa qualitativa da quantitativa é a questão das hipóteses que são levantadas, uma vez que dentro dessa perspectiva elas podem ir se modificando de acordo com o desenvolvimento da pesquisa. Quer dizer elas não precisam ser comprovadas ou refutadas. De acordo com Gonzalez Rey (2002), elas são momentos de reflexão do pesquisador a respeito de um referido tema e que estão em constante processo de modificação.

Então, é por todos esses motivos que foram citados e comentados, que a pesquisa qualitativa é a mais indicada para o tipo de pesquisa que o referido trabalho se propõe a realizar. Como é colocado por Gonzalez Rey (2002):

(...) o estudo dos determinantes qualitativos na psicologia se define pela busca e explicação de processos que não acessíveis à experiência, os quais existem em inter-relações complexas e dinâmicas que para serem compreendidas, exigem os seus estudos integrais e não sua fragmentação em variáveis. A definição qualitativa dos processos e unidades implicados na constituição subjetiva tem a ver com a compreensão, com frequência por via indireta e implícita, dos complexos processos das diferentes expressões humanas e que não são isomorfos como estas (p 50).

Explicitação do cenário de pesquisa.

O acesso ao cenário de pesquisa é um dos pontos mais importantes na pesquisa qualitativa, pois nesse momento que o pesquisador necessita usar as suas habilidades relacionadas a estabelecimento de vínculo da forma mais eficiente possível. Uwe Flick (2004) expõe essa questão muito bem quando coloca:

(...) O contato buscado pelos cientistas, aqui, ou é mais próximo ou mais intenso, o que, em resumo, pode ser demonstrado em termos dos problemas enfrentados por alguns dos métodos qualitativos atuais. Por exemplo, entrevistas abertas exigem um envolvimento maior entre o

entrevistado e o pesquisador do que seria necessário na simples entrega de um questionário. A gravação de conversas diárias está ligada a um grau de revelação, por parte dos membros, em relação a sua própria vida cotidiana, que, para eles, não é fácil controlar antecipadamente... De um ponto de vista metodológico, a pesquisa faz mais justiça ao seu objeto através desses procedimentos. Da perspectiva da praticabilidade cotidiana, estes levam a exigir muito mais das pessoas envolvidas (p.70).

Como já foi colocado em parágrafos anteriores o papel do pesquisador é de fundamental importância na pesquisa qualitativa. Uma vez que as suas habilidades comunicativas são o principal instrumento para coleta de informações relacionados ao tema de pesquisa.

Ainda em relação ao pesquisador este deve assumir papéis e posições que segundo Uwe Flick (2004) pode ser apropriado de forma espontânea ou designado podendo ser a contra-gosto ou de forma indireta. De forma que ainda segundo ele esse processo pode ser "... visto como um processo de negociação entre pesquisador e participantes, o qual atravessa diversos estágios (pág 70)" e a boa negociação ou não desse processo pode levar a "determinar a quais informações um pesquisador terá acesso e de quais ele continuará sendo excluído depende essencialmente do sucesso na adoção de um papel ou uma postura apropriada (pág 70)".

Como já está sendo visto ao longo do texto o pesquisador tem papel fundamental no cenário de pesquisa. Todavia, as pessoas que se envolvem como pesquisadas também são importantíssimas no desenvolvimento da pesquisa.

A adesão dessas pessoas nesse processo também está relacionada à habilidade do pesquisador em estabelecer vínculo e mobilizar as pessoas a se disporem a participar de processos que podem criar situações de constrangimento por expor questões pessoais ou através delas surgirem mal estar por situações que não são vistas ou discutidas.

O último argumento utilizado pode ser interpretado de duas formas antagônicas: a primeira pode ser considerada como boa porque um dos pressupostos da pesquisa qualitativa está relacionada possibilidade ou necessidade de reflexão, entretanto, a mesma pode ser considerada ruim porque o pesquisador necessita estar preparado

para oferecer suporte psicológico para os pesquisados. E a falta de condição para oferecer suporte pode inviabilizar a pesquisa.

Uwe Flick (2004), expõe essas questões quando ele aborda a dificuldade existente no ingresso de pesquisadores nas instituições e também a burocracia que se estabelece dentro da mesma entre as pessoas que em muitos casos gera muita resistência inicialmente. A resistência relacionada à instituição “Um projeto de pesquisa representa uma intrusão na vida da instituição a ser estudada. A pesquisa perturba, desorganiza rotinas, sem trazer compensação perceptível imediata ou em longo prazo para a instituição e seus membros (pág 72)”. E em relação à resistência dos sujeitos ele coloca “... Aqui novamente, os processos de negociação, as estratégias de referência, no sentido de um procedimento ‘bola de neve’ e, sobretudo, as competências em estabelecer relações que desempenham um papel principal (pág 73)”.

A preparação do cenário de pesquisa pelo instrumentador é de fundamental importância para o bom andamento da pesquisa, mesmo tendo em vista que essa preparação não é referente apenas na questão, por exemplo, da aplicação de testes ou de outros métodos que tenham por objetivo coletar dados. A forma de abordar a clientela tem que gerar confiança nas mesmas para que elas possam se expressar com mais facilidade. Durante o desenvolvimento desse item foram colocados uma série de empecilhos que dificultaria o estabelecimento desse vínculo.

No caso dessa pesquisa não houve dificuldades de acessos com a instituição e com as pessoas já que eu fazia parte do grupo que atendia o público alvo da mesma. Nesse caso a demanda por fazer essa pesquisa surgiu, através, dos atendimentos realizados pelo grupo. Atendimentos que geraram a necessidade de entender como aconteciam todos aqueles fenômenos e pretensiosamente vontade de criar meios dentro desse contexto terapêutico para que essas mulheres reorganizassem as suas vidas de forma que todos os acontecimentos causassem menos sofrimento.

A respeito dessas demandas relacionadas à pesquisa que surgem dentro do contexto clínico Gonzalez Rey faz uma reflexão muito bonita quando se refere à não separação do trabalho clínico no caso dos psicólogos com a pesquisa, já que essa dicotomia isola a necessidade de busca do conhecimento em um contexto que é

riquíssimo no que se refere à necessidade de entendimento real dos fenômenos humanos. Gonzalez Rey (2002) coloca:

(...) Na ciência psicológica o campo de trabalho dos pesquisadores se encontra em todos os cenários em que a prática tem lugar, ou seja, a partir dessa perspectiva a pesquisa não se separa da prática profissional, ainda que essa separação tenha sido pretendida por um longo tempo como consequência do domínio positivista. O pesquisador não se divide para participar nos diferentes domínios do exercício da profissão, mas elabora continuamente suas idéias em qualquer domínio da prática profissional (p 102).

A pesquisa foi realizada no Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) no qual existe um projeto que é conhecido como Projeto Margarida. O mesmo oferece assistência médica e psicológica a mulheres vítimas de violência doméstica e/ ou sexual. O projeto é composto por uma equipe multi e interdisciplinar composta por duas médicas (um clínico geral e uma ginecologista), dois psicólogos, uma estagiária de psicologia, uma auxiliar de enfermagem e uma assistente social que é escalada pelo hospital uma vez por mês para participar das reuniões da equipe e para algum trabalho que seja necessário o seu envolvimento como, por exemplo, visitas domiciliares.

As mulheres podem vir encaminhadas ou não por instituições quer dizer elas não precisam ter passado por delegacias ou hospitais para serem atendidas pelo projeto. É necessário que as mesmas procurem o projeto nos dias de acolhimento que atualmente está acontecendo nas quartas feiras de manhã das 8:00 à 12:00 horas.

No primeiro dia em que as mesmas chegam ao projeto à equipe faz uma primeira avaliação médica e psicológica da paciente com o objetivo de verificar quais são as suas primeiras necessidades. Uma avaliação médica, se a paciente precisa tomar medicações como contracepção de emergência e anti-retrovirais, acompanhamento de exames como anti-HIV, VDRL (sífilis) e Hepatite C num período de seis meses. E na parte psicológica é oferecida às pacientes atendimentos individuais e em grupos. E ainda nos atendimentos em grupo as mesmas podem ser separadas em grupos para adolescentes e para mulheres adultas.

Descrição das atividades de campo.

O trabalho de campo é de fundamental importância para a pesquisa qualitativa, pois é nela que o pesquisador confronta todas as informações a respeito daquele assunto nas ciências humanas quer dizer o mesmo exige que as pessoas envolvidas com a pesquisa estejam em permanente produção de idéias. Segundo Gonzalez Rey (2002) “o trabalho de campo é via para estimular a iniciativa e o desenvolvimento intelectual do pesquisador, que é obrigado a elaborar idéias em face do que acontece (pág 96)”.

Outro ponto que difere bastante a pesquisa qualitativa da outra está relacionado a este momento empírico no qual o propósito de ambas as pesquisas se encontram completamente antagônicos. Para a pesquisa quantitativa esse momento de encontro com o pesquisado é denominado coleta de dados. O objetivo desse momento está relacionado à aplicação de instrumentos como testes com intuito de validar alguma suspeita (hipótese) relacionada aquele grupo. As idéias relacionadas são pré-concebidas e esse momento é utilizado apenas para comprová-las ou refutá-las. De forma que todo o momento de significação já aconteceu anteriormente e o momento de pesquisa prática acaba sendo de aplicação ou classificação. Por esses motivos deixa de ser um período de produção de idéias e conhecimento.

Todavia, não significa pensar que na pesquisa qualitativa não existe coleta de dados. Esse momento dentro do trabalho de campo tem significado diferente do que é conhecido no outro tipo de pesquisa. Ela é o período que o pesquisador passa com o pesquisado coletando informações e produzindo idéias que só terão significado posteriormente num período reservado para isso que é denominado interpretação de dados.

O trabalho de campo ou a coleta de dados na pesquisa qualitativa está relacionado principalmente à construção de informações na qual o pesquisador se envolve e tenta abarcá-las em torno do caminho único direcionado pelo pesquisado; de forma que todas as informações consideradas novas adquirem sentido para a formação ou modificação do problema inicial levantado; as informações coletadas estão em constante processo de mudanças; mesmo tendo-se levantado um problema inicial, o trabalho de campo não se limita pelo mesmo; o pesquisador se apresenta ativo dentro desse processo.

De acordo com esses pressupostos o trabalho de campo é um espaço que deve ser organizado uma vez que é nesse espaço que a pesquisa será realizada e as idéias que serão produzidas nesse contexto tomarão forma para que na mesma exista um corpo teórico que acabará gerando um processo reflexivo científico relacionado a esse tema. Essas colocações podem ser entendidas melhor através das colocações que virão a seguir de Gonzalez Rey a respeito do significado para a psicologia do trabalho de campo e também das questões relacionadas à necessidade de boa comunicação nesse contexto.

Segundo Gonzalez Rey (2002) "... o trabalho de campo é um processo permanente de estabelecimento de relações e de construções de eixos relevantes de conhecimento dentro do cenário em que pesquisamos o problema. A informação e a conceitualização e construção que caracterizam o momento empírico (pág 96)". E ainda "reconhecimento da comunicação como processo em que se articula a pesquisa qualitativa em seus diferentes momentos leva necessariamente à representação da pesquisa como trabalho de campo, em que o pesquisador tem presença e participação constante dentro da instituição, comunidade ou grupo de pessoas que está pesquisando, o que dá acesso a fontes importantes de informação informal (pág 95)".

O trabalho de campo com todas essas características oferece possibilidade de construir novas idéias através da junção de informações dos mais diferentes contextos e com as mais diversas teorias partindo da perspectiva que não existe um modelo pré-definido que deve ser seguido.

Como já foi dito em um outro momento do texto, a necessidade que surgiu para a realização de uma pesquisa relacionada ao entendimento da construção da identidade de mulheres que sofreram abuso sexual veio do trabalho realizado no projeto Margarida. Em um primeiro momento vieram várias questões relacionadas ao estabelecimento de vínculo entre pacientes e profissionais em outros surgiu a necessidade de entender o motivo pelo qual essas mulheres se deixavam ser violentadas ou agredidas pelos seus parceiros e em outros ainda tentar ajudar as mulheres que foram vítimas de estupro a construírem um significado para essa violência que trouxesse menos sofrimento para elas e também dentro dessa experiência entender porque esses homens praticavam esses atos contra pessoas

iguais a eles. Entretanto, por causa do tempo e por serem assuntos tão diversos foi necessário agarrar apenas um ponto de todas essas inquietações e a partir daí tentar entendê-lo.

O assunto escolhido dentro dessa vastidão de questões foi o incesto. Ele surgiu, como já foi dito anteriormente, pela necessidade de entendimento dessa questão, no qual é sabido que ele não acontece em um momento de violência pontual no qual a vítima é inserida e logo sai como é o caso do estupro.

Essa demanda acabou recebendo mais atenção por quatro grandes motivos: o grande número de casos de pacientes que estava chegando ao projeto, o meu envolvimento no atendimento com duas crianças que estavam sendo abusadas pelo padrasto e pelo tio, pela chegada de uma adolescente que sofreu abuso por anos e tinha que cuidar do pai e pela preocupação de como essas crianças construiriam as suas identidades tendo passado por essa experiência.

A construção da informação estará sendo construída pelos prontuários das usuárias que estão em atendimento ou já receberam alta do projeto. Os atendimentos dessas pacientes aconteciam às quartas feiras no dia de acolhimento das novas usuárias ou nas terças e quinta à tarde nos atendimentos individuais ou em grupo.

Os atendimentos tinham um tempo de duração que variavam, normalmente, entre trinta minutos à uma hora e meia, uma vez que, dependia das demandas das pacientes. Os temas discutidos, normalmente, não eram preparados previamente pelo grupo porque esse tinha como objetivo dar mobilidade e liberdade para as usuárias trazerem as suas demandas que na maioria das vezes estava relacionada ao abuso. É importante firmar que nesses atendimentos não existem separação do tipo de violência que essas mulheres sofreram. Quer dizer, as usuárias vítimas de violência doméstica participavam juntamente com as mulheres que sofreram abuso sexual podendo ter sido estupro ou violências não pontuais. Entretanto, é necessário pontuar também que existia separação de grupos entre adolescentes e mulheres adultas.

Então os atendimentos aconteciam através de conversas nas quais, os pontos considerados mais críticos para a vítima era pontuado e a partir desse momento as pessoas da equipe que estivessem naquele atendimento poderia pontuá-los e direcionar a conversa para aquela vertente. O objetivo desse projeto não é fazer

psicoterapia nos moldes clássicos. E sim oferecer suporte para a vítima através de psicoterapia breve ou aconselhamento para que ela construa significado e dê sentido à violência sofrida de uma maneira que cause menos sofrimento. Por esse motivo a equipe tinha maior liberdade para, por exemplo, dar conselhos para as vítimas a respeito de determinados assuntos como aconteceu num dado momento para uma paciente chamada Evanilda que conhecia os agressores sabia onde moravam e tinha grande desejo de vingança de qualquer forma. O grupo foi unânime em tentar convencê-la e de alguma forma entrar em acordo com ela para que ela não os procurasse e deixasse que a polícia resolvesse o caso. Como ela é evangélica a psicóloga usou como argumento um trecho da bíblia para tentar convencê-la a não procurá-los. Felizmente nesse caso a equipe conseguiu dissuadi-la. No último atendimento que foi feito à mesma trouxe a boa notícia que os agressores tinham sido julgados e condenados pelo roubo de sua casa e pelo estupro sofrido.

O contato com a equipe era grande já que eu faço parte da mesma então por esse motivo o relacionamento foi muito facilitado. De forma que as discussões a respeito dos casos, a grande abertura para compartilhar as experiências dos outros membros da equipe e principalmente a interação com as pacientes foi completamente enriquecedor para todo o momento empírico.

Descrição dos instrumentos.

O advento da nova maneira de fazer pesquisa nas ciências humanas, especificamente, em psicologia trouxe mais mudanças além das que foram mencionadas por todo o texto. Esta está relacionada à nova concepção do significado em instrumentos de pesquisa e também à utilização que será dada aos mesmos.

A metodologia ganha um novo espaço mais dinâmico e desafiador, uma vez que, os pesquisadores abandonam práticas valorizam o acúmulo de dados com o intuito de confirmar ou refutar alguma hipótese. Nas quais, os mesmos constroem teorias que categorizam todos os sujeitos em determinados padrões retirando toda a sua complexidade.

Nessa nova proposta o pesquisador está interessado em produzir idéias que serão construídas a partir da reflexão da informação trazida pelo pesquisado e também pela reflexão entre os dois que estão diretamente envolvidos no processo.

O instrumento utilizado nessa metodologia para aquisição de material será convertido em fontes de informação que ganhará sentido posteriormente em um outro momento de reflexão.

Gonzalez rey (2002) define instrumento a partir dessa perspectiva da seguinte maneira: “Os instrumentos conceito com o qual designamos todos os procedimentos encaminhados a estimular a expressão do sujeito estudado, são simplesmente indutores de informação que não definem o sentido final dela (pág 79)”.

A partir dessa definição deve-se pensar nos instrumentos de pesquisa como fontes de aquisição de informação dinâmicas que podem ser utilizados para discussão dos resultados com o pesquisado, assim, permitindo a criação de espaços de conversação nos quais todas essas questões poderão ser rediscutidas e a partir daí será possível criar informações mais significativas ao referido assunto.

Os instrumentos devem ser pensados como meios de aquisição de informações que devem ser estruturados de forma aberta, pois dessa forma facilita a expressão do sujeito em toda a sua complexidade de idéias.

Pela definição de instrumentos e pelas colocações dos parágrafos anteriores é possível perceber a importância da inter-relação dos sujeitos nesse contexto. Uma vez que é através desse relacionamento que de fato acontecem os momentos de reflexões e produções de idéias.

O pesquisador como já foi afirmado várias vezes precisa ter grande fluência comunicativa visto que é responsabilidade dele o bom andamento da pesquisa relacionado à adesão do pesquisado. Nesse caso o pesquisador precisa primar pela qualidade do vínculo estabelecido e pela criação de necessidades legítimas do pesquisado que irá fazê-lo participar da pesquisa. E também na maneira que será conduzida a aplicação desses instrumentos haja vista que segundo Gonzalez Rey (2002) a expressão desse sujeito está ligada à forma que ele receberá, nas expectativas existentes e na adesão ao projeto de pesquisa.

O outro participante dessa relação é o pesquisado que entra na pesquisa muitas vezes emocionalmente muito agitado e talvez possa ser usado à palavra confuso já que a mesma gera muitas expectativas podendo causar angústia, curiosidade entre outros.

É necessário nesse momento que o experimentador tenha habilidades para tentar deixá-lo o mais tranqüilo possível para execução das tarefas.

Outra questão que está diretamente relacionada a ambos os sujeitos, mas que nesse parágrafo será direcionado ao pesquisado é a identificação que deve existir com a pesquisa para que ela faça sentido. As atividades relacionadas à pesquisa começarão a serem expressas de forma mais livre e espontânea.

Esse ponto é fundamentalmente importante uma vez que a possibilidade de livre expressão do sujeito facilita o controle do que é comumente chamado de reatividade. Ela pode ser definida por Lincoln e Guba (1985) apud Gonzalez (2002) como: “O simples conhecimento, por parte do sujeito, de que está envolvido em um estudo é suficiente para alterar, de forma significativa e certamente em um nível desconhecido, sua resposta diante do pesquisador (p 78)”. Sendo ainda colocada por Gonzalez Rey (2002) que a mesma é a expressão subjetiva do sujeito. Nesse caso outro ponto de dificuldade é a inacessibilidade de forma direta da subjetividade. E a forma melhor de lidar com ela está relacionada à adesão do pesquisado no momento empírico e também na mobilidade dos instrumentos de pesquisa.

No caso dessa pesquisa a forma que foram colhidos os dados ou informações, o estabelecimento de vínculo, a adesão dos pacientes e a forma com que eles expressaram as suas questões não está relacionado com as pesquisas tradicionais, uma vez que a mesma surgiu por causa de lacunas deixadas nas atividades psicoterápicas. Lacunas como a preocupação na formação da identidade dessas pessoas e também relacionadas à desinformação a respeito desses temas, por exemplo.

Os sujeitos pesquisados nesse projeto de apoio e combate à violência não passam por essa questão da reatividade em relação, por exemplo, aos instrumentos utilizados porque eles se associam ao grupo por causa do apoio médico e psicoterápico que elas receberão.

O envolvimento que elas tem com o projeto e na verdade com as atividades relacionadas ao mesmo está relacionada com o vínculo estabelecido com os membros da equipe na forma do contrato terapêutico estabelecido informalmente no decorrer dos atendimentos.

Todavia, os instrumentos utilizados durante a psicoterapia são completamente válidos para o desenvolvimento da pesquisa. Entrevistas e diálogos foram os principais meios utilizados e algumas outras atividades como desenhos e algumas técnicas como a da gestalt como a “cadeira vazia” foram usadas algumas vezes.

A entrevista, ou melhor, colocando o diálogo foi o principal instrumento utilizado uma vez que eram atividades psicoterápicas realizadas com mulheres adultas que traziam questões referentes ao abuso sofrido. O grupo decidiu por esse instrumento por causa da facilidade referente a sua utilização uma vez que os atendimentos são realizados, normalmente, por pelo menos três membros da equipe. E também por causa da mobilidade que esse instrumento oferece à equipe já que as pessoas que freqüentam tem um grau de liberdade maior em relação á freqüência e também aos temas trazidos. Mesmo que em grande parte dos momentos as questões trazidas sejam mais focadas, inclusive pelas pacientes, na violência sofrida.

No caso do projeto, as conversas são grandes instrumentos, mesmo que alguns autores coloquem as entrevistas ou as formas de diálogo, em alguns casos, como problemáticos porque a evolução deles pode inibir a forma de expressão dos sujeitos. Contudo, a proposta do projeto permite a utilização do mesmo já que a construção desse diálogo é realizada por um longo período com duração mínima de seis meses. E o outro ponto que deve ser considerado positivo está relacionado ao membro da equipe que conduzirá o processo. O mesmo normalmente é aquele que estabeleceu vínculo melhor com o determinado paciente.

O parágrafo anterior corrobora com o que Gonzalez Rey (2002) coloca a respeito dos instrumentos de pesquisa mesmo que na pesquisa não exista a multiplicidade de instrumentos que são recomendados para facilitar a expressão do sujeito. A reflexão é a seguinte: “A expressão dos sujeitos se aprofunda e se faz mais complexa de forma progressiva, o que influi em que a expressão adquira sentido só posteriormente, se integrar a um conjunto de indicadores procedentes de outros instrumentos ou fontes (p 84)”.

A reflexão do penúltimo parágrafo também trouxe uma outra questão relacionada á perspectiva da utilização dos instrumentos e também de um dos paradigmas da pesquisa qualitativa que é a liberdade do pesquisador utilizar qualquer forma de

comunicação ou expressão para aquisição de informação e produção de idéias. Esse ponto é importante ser colocado porque justifica também a utilização de apenas uma forma de expressão se essa conseguir abarcar as necessidades da pesquisa como a aquisição de informações, produção de reflexões e idéias entre outros que já foram mencionados em outros momentos.

É importante colocar também que esse instrumento também não é organizado da forma mais antiga que se expressa com mais evidência na pesquisa quantitativa, em forma de perguntas fechadas previamente construídas pelo pesquisador. Ela se configura de forma moderna, na qual, o pesquisador e o pesquisado constroem reflexões, compartilham experiências. As entrevistas ou bem melhor os diálogos são construídos dinamicamente e espontaneamente de acordo com os interesses do pesquisador e também do pesquisado porque nesse momento estão sendo geradas reflexões a respeito do tema.

Outro ponto positivo, da entrevista, está relacionado à questão do estabelecimento e manutenção do vínculo estabelecido. O mesmo se converte em confiança de forma que o sujeito pesquisado se coloca melhor no sentido de não ter vergonha do que pensa naquele momento. Então as informações serão colocadas além do que era esperado e logicamente surgirão fatos ou informações que acrescentarão muito outros momentos de construção idéias.

O ambiente gerado por esse contexto, dialogo e entrevista, também facilita a expressão do sujeito visto que todas as suas condições subjetivas naquele momento são afetadas pelo contexto da pesquisa.

Por todos esse motivos e talvez outros que ainda são desconhecidos que o diálogo ou entrevista foram os utilizados no ambiente terapêutico e posteriormente no contexto de pesquisa.

Fundamentação das suspeitas a serem pesquisadas.

A etapa de fundamentação e formulação das questões ou suspeitas de pesquisa é um dos pontos cruciais para o bom desenvolvimento da pesquisa. Segundo Uwe Flick (2004) essa etapa é fundamental porque influencia todo o projeto de pesquisa visto que é a partir desse momento que começam as escolhas de instrumentos para coleta de informações, seleção de público a ser pesquisado, como o pesquisador

entrará em campo etc. De forma que a formulação dessas questões guiará objetivamente o pesquisador durante a evolução da pesquisa.

Todavia, não se pode pensar em objetividade como na pesquisa quantitativa que formula hipóteses que simplificam o objeto de estudo sendo formulado para comprovar ou refutar hipóteses e seguindo esse raciocínio todos os momentos da pesquisa estarão direcionados para esse ponto.

O desenvolvimento ou estabelecimento das questões de pesquisa é importante, mas, o pesquisador em momento algum pode deixar de estar aberto para novos resultados e novas questões que apareçam no decorrer da pesquisa.

As questões formuladas para iniciar a pesquisa normalmente surgem a partir da experiência do pesquisador das quais interesses foram despertados. No caso dessa pesquisa, o interesse em desenvolvê-la surgiu pela necessidade de aprimoramento decorrente da experiência profissional e também por interesse acadêmico uma vez que essa pesquisa pode adquirir uma amplitude maior e ser projeto de uma pesquisa de mestrado.

As questões de pesquisa são decididas através da priorização dos interesses de forma que alguns ganham destaques e outros se tornam pormenorizados pelo menos naquele período. De forma que a delimitação ou escolha do tema em questão surgiu pela importância relacionada a interesses pessoais como preocupação com as pacientes que chegavam ao projeto e busca de conhecimento para suprir as inquietações que estavam surgindo durante todo esse processo.

De acordo com Uwe Flick (2004) as questões de pesquisa surgem da seguinte forma: “O resultado da formulação de questões de pesquisa é a circunscrição, de uma área específica de um campo mais ou menos complexo, ao que é considerado essencial, mesmo que o campo permita várias definições de pesquisa desse tipo (p 55)”.

Durante a pesquisa bibliográfica surgiu um ponto que deve ser considerado interessante referente à importância desse momento na construção e direcionamento da pesquisa. Alguns autores como Gonzalez Rey e Uwe Flick se posicionam contrariamente em relação à importância que deve ser dada a esse momento. O primeiro coloca esse período como um momento inicial de reflexão que passa por

constante evolução durante o desenvolvimento da pesquisa de forma que cada vez mais ele vai se tornando mais complexo e adquirido sentidos inimagináveis. Essa análise pode ser confirmada com a seguinte colocação de Gonzalez Rey (2002):

(...) O problema no tipo de pesquisa qualitativa que defendemos não necessita ser definido perfeitamente no momento inicial da pesquisa, pois dele não dependem diretamente os outros momentos daquela; só apresenta um primeiro momento do que se deseja pesquisar, portanto, mais do que uma construção acabada do problema representa uma construção em processo, que irá desenvolver em direção de novas e diversas formas. O problema não representa necessariamente uma pergunta a ser respondida ao final da pesquisa, como ocorre no caso da pesquisa quantitativa, em que os resultados adquirem o valor de produtos finais (p 72).

O segundo autor ao meu ver não se coloca realmente sob as perspectivas da pesquisa qualitativa haja vista que os problemas ou questões de pesquisa não são colocados de forma dinâmica, mesmo em seu texto ele aponta que o pesquisador necessita estar aberto a novas questões que surgirem no curso da pesquisa. Esse apontamento dele pode ser considerado irrelevante uma vez que em todo o seu texto o levantamento de problemas é colocado como o ponto norteador de toda a pesquisa que vai desde a escolha dos instrumentos utilizados, o público escolhido e até a relevância da pesquisa. Essa análise também pode ser percebida pela reprodução de uma parte do texto de Uwe Flick (2004) que faz referência a esse assunto

(...) As questões de pesquisa são como uma porta para o campo de pesquisa em estudo. Se as atividades empíricas investigadas produzirão ou não resposta isso dependerá da formulação das questões. Sujeita também à formulação está a decisão quanto à quais métodos são apropriados e quem (isto é que pessoas, grupos ou instituições) ou o que (isto é que processos, atividades, estilos de vida) deve ser incluído no estudo. Os critérios essenciais para a avaliação das questões de pesquisa abrangem a sua solidez e clareza, mas também o questionamento quanto

á possibilidade de respondê-las dentro dos esquemas de recursos determinados e limitados (tempo, dinheiro, etc) (p 68).

De forma que eu me posiciono de forma mais parecida com a de Gonzalez Rey uma vez que com a evolução da pesquisa houve diversas mudanças relacionadas à concepção desse fenômeno social como, por exemplo, a forma como a mulher considerada como vítima pela sociedade se posiciona e a própria questão da concepção de pesquisa mudou muito em relação a muitos fatores em especial ao que era pretendido no início.

As questões que foram consideradas mais importantes a princípio foram as seguintes: como a sociedade influencia a vida da mulher no que se refere às relações com o agressor e com a família, como são criados os estereótipos da mulher vítima de violência pela sociedade, como se organizam as relações interpessoais dessas mulheres, como a mulher se relaciona com os filhos, como são criados os chamados “segredos” de família. O estudo desse tema “respondeu” à maioria dessas e por isso essas questões já foram entendidas e já adquiriu sentido. Ao passo que felizmente surgiram outras que nesse momento podem ser consideradas mais completas e complexas visto que a percepção do mesmo está completamente diferente tornando-se mais amplo e difícil.

O tema escolhido para esse estudo foi incesto, e ele poderia ser explorado por várias vertentes já que esse assunto é tão complexo e não haveria esgotamento de possibilidades. Essa colocação está sendo realizada dessa forma por causa do sentido pessoal que foi dado a uma experiência recente da equipe relacionada à pesquisa e mais especificamente sobre esse tema e com uma proposta muito diferente da adotada. Dois alunos do curso de contabilidade da universidade católica de Brasília foram fazer uma entrevista, que faz parte de um trabalho da cadeira de metodologia científica, com a equipe do projeto. O tema do referido trabalho é violência e coincidentemente abordava a violência sexual e mais especificamente a doméstica. A dupla utilizou como instrumento de pesquisa a entrevista com perguntas estruturadas fechadas de forma que se tivesse acontecido da forma como eles esperavam ou tinham preparado, essa experiência teria sido muito menos enriquecedora para todos. Como o grupo é muito amadurecido e se organizou de uma maneira muito aberta, muito fácil criar discussões

e gerar reflexões. Nesses casos as perguntas se tornaram momentos de debates entre todos os membros do grupo e essa roda de debate acabou se constituindo um ambiente completamente enriquecedor quebrando uma série de paradigmas do grupo relacionados a esse tema.

De forma que o interesse desse tema ganhou maior importância quando eu comecei a atender duas crianças que passaram pela situação de incesto e ainda vivem num ambiente incestuoso porque a família de certa forma faz vista grossa para o que aconteceu no sentido de que eles consideram que todo o processo já foi superado e que na há mais nada para se fazer. Com isso o trabalho psicoterápico foi interrompido e assim não foi possível averiguar se realmente tudo o que aconteceu foi superado.

A questão de estudo desse tema é relacionado à formação da identidade das mulheres que passaram pelo contexto incestuoso. O estudo tem por objetivo entender como o sujeito dá sentido ao ato incestuoso na sua vida. Então, as questões iniciais que surgiram não deixaram de ser importantes, contudo, nesse momento ocupam um espaço diferente nesse processo. Ao invés de serem questões formuladas para serem confirmadas ou não, agora são questões para serem entendidas por meio de fenômenos complexos e que terão significado ou sentido único para cada sujeito.

Construção da informação.

A construção da informação na pesquisa qualitativa se apóia no curso progressivo do processo de construção e interpretação que começa no início da pesquisa e a acompanha em todos os momentos.

Os dados adquiridos no decorrer da pesquisa adquirem significado para as questões levantadas. À medida que a pesquisa avança, as características individuais dos sujeitos pesquisados são incorporados em sistemas que adquirem sentido pelas construções do pesquisador. De forma que o dado se torna verdadeiro por causa da capacidade que o mesmo tem em estabelecer diálogo com o pesquisador. O mesmo se organiza no desenvolvimento da pesquisa e por isso acaba passando por diferentes momentos da elaboração teórica e que terá multiplicidade de significações. Segundo Gonzalez rey (2002) as fontes de idéias na pesquisa qualitativa se organizam da seguinte maneira:

(...) A fonte de idéias não está só nos dados, mas no confronto entre o curso do pensamento, conduzido por múltiplas vias, e os dados, confronto de onde surgem novas idéias, cuja legitimidade só pode ser entender dentro do processo de pensamento em que se originaram, e não por sua correspondência com os dados produzidos no cenário de onde surgiram (p.111).

A teoria elaborada pelo pesquisador permite que o mesmo elabore novas zonas de sentido ao referido tema que antes não poderia ser imaginado por ele. As representações são construídas através de um diálogo com os dados que são usados como referência para o estudo.

A elaboração teórica é um processo individual que cresce gradativamente de acordo com as experiências e significações durante vários momentos da pesquisa. Segundo Gonzalez Rey (2002) ela se apresenta em dois níveis que são os seguintes:

(...) A elaboração teórica se desenvolve em dois níveis relativamente independentes entre si, ainda que ambos se relacione: o nível de produção teórica que acompanha o curso da pesquisa empírica, na qual a relação entre o teórico e o empírico não é linear nem isomorfa, mas irregular, contraditória e imprevisível, e o nível de produção teórica que caracteriza o desenvolvimento de uma teoria geral, que mantém relação ainda mais imediata e indireta com o empírico (p 124).

A pesquisa qualitativa não foi formulada para produzir resultados finais que possam ser reproduzidos e, portanto invariáveis sobre a questão estudada. E sim produção de novos conhecimentos que estão em constante processo de evolução uma vez que o sujeito é complexo e está em constante amadurecimento e por esse motivo os novos momentos teóricos irão sempre se integrar ao processo de construção do conhecimento.

A pesquisa que está sendo realizada construirá as informações a partir da orientação da epistemologia qualitativa que traz dois novos conceitos que são os de Indicador e de categorias.

O termo indicador foi introduzido segundo Gonzalez Rey (2002) para:

(...) designar aqueles elementos que adquirem significação graças à interpretação do pesquisador, ou seja, sua significação não é acessível de forma direta à experiência, nem aparece em sistemas de correlação. Nesse aspecto o subjetivo, e o objetivo... Integram-se em uma unidade indissolúvel que só tem valor dentro dos limites do processo em que é produzida. O valor de um indicador, fora do processo de conhecimento que o gera, só pode ser elaborado no curso dos processos gerais envolvidos no desenvolvimento da teoria (p 112).

O indicador é construído baseados em informações implícitas e indiretas porque não determina conclusões do pesquisador relacionadas ao tema. Na verdade representa esse período representa um momento que alguns autores chamam de hipotético na produção da informação, mesmo que surjam novos indicadores produzidos por indicadores anteriores.

Na pesquisa, o indicador se apresenta durante a construção da informação que gera significado num conjunto de elementos que possibilita formular novas hipóteses que anteriormente não existia relação direta com os conteúdos que foram explicitados anteriormente nos momentos separados.

Na pesquisa os indicadores foram categorias criadas para facilitar a evolução da complexidade dos processos nas quais a subjetividade humana está envolvida. Eles são categorias produzidas no processo de construção do conhecimento durante a pesquisa com o intuito de produzir e definir zonas de sentido.

De forma que os indicadores geram o desenvolvimento de categorias e conceitos no desenrolar da pesquisa. Segundo Gonzalez Rey (2002):

(...) Um dos processos mais ricos da pesquisa é o desenvolvimento de categorias que permitam conceituar as questões e processos que aparecem em seu curso, os quais não podem ser conceituados no marcos rígidos... Esse é um processo diante do qual a maioria dos pesquisadores se sente inibida, pos reserva inconscientemente o lugar de produtores de teorias só para alguns (p 119).

Durante a pesquisa os indicadores e as categorias são produzidos de forma inter relacionada uma vez que se as idéias produzidas pelos indicadores não se

transformarem em categorias a evolução da pesquisa pode estacionar e até ser interrompido.

De forma que durante a pesquisa, a elaboração de categorias representa um dos mais importantes momentos de construção do conhecimento porque é por meio delas que é possível conhecer e formular novas zonas de sentido do sujeito pesquisado que seria quase impossível sem a mesma.

Capítulo III

Construção da Informação

Entendimento do ato incestuoso e da configuração do significado de violência e vítima na sociedade atual.

O momento de construção da informação pode ser considerado o ponto culminante da pesquisa qualitativa. Uma vez que as informações ou o material coletado tentam ser compreendidos através de um referencial teórico sólido e coerente. Contudo, as mesmas devem ser respeitadas em seus diversos formatos de expressão que podem ser visualizados em linguagens verbais e corporais. E a partir dessa compreensão do pesquisador que busca enxergar a totalidade. Os fenômenos envolvidos passam a gerar zonas de sentido para o pesquisador e também para as pessoas que partilham de alguma maneira a pesquisa que foi ou está sendo realizada.

Gonzalez Rey (2002), teoriza a respeito desse tema:

(...) A pesquisa qualitativa... Avança por caminhos individuais que caracterizam a manifestação dos diferentes sujeitos estudados e incorpora novas informações sobre o estudado a amplos sistemas de interações que adquirem sentido por meio das construções do pesquisador. As pesquisas qualitativas não atendem a um foco central, definido em forma de hipóteses, mas seguem as necessidades e demandas que se criam no processo do conhecimento e levam a construções teóricas cada vez mais abrangentes para construir interações e configurações do assunto estudado, muito além de qualquer evidência empírica suscetível de ser registrada em forma de dados (p 111).

As informações foram coletadas através de atividades psicoterápicas e também do registro de informações nos prontuários das pacientes do projeto Margarida. Dos quais serão utilizados quatro prontuários de pacientes que chegaram ao projeto por queixas diferentes, mas que num dado momento revelaram terem passado pela experiência incestuosa. De modo que a escolha de sujeitos com histórias de vida bem diversificadas e que tiveram como ponto em comum a experiência incestuosa são interessantes. Uma vez que é possível perceber, com maior facilidade, as diferenças nas suas construções pessoais de vida e que de forma geral elas buscaram sair desse

contexto, mas que de algum modo voltaram ou nem conseguiram sair do contexto incestuoso.

Na literatura a maioria dos autores que teorizam a respeito desse tema coloca a experiência incestuosa como um grande fator de sofrimento que deixa marcas em todas as fases da vida do sujeito. De fato esse fenômeno, nas sociedades ocidentais atuais se configurou produzindo sentido negativo que gera sofrimento para a maioria dos sujeitos envolvidos. Então essa questão do incesto deve ser considerada como um fenômeno social complexo principalmente por alguns motivos: primeiro por causa das relações estabelecidas entre os membros e segundo por causa do significado da família na atualidade e por conseqüência o significado da concepção de violência e de vítima.

O sofrimento universal colocado pela visão psicanalítica da maioria dos autores que trabalham com esse tema, não deve ser considerado completamente relevante uma vez que, em alguns momentos, os fenômenos em toda a sua complexidade são reduzidos a categorias que imobilizam a maioria dos estudos e a evolução do entendimento dessas questões. De forma que as explicações do ato incestuoso, do sofrimento causado pelo mesmo e todos os seus desdobramentos através da satisfação do complexo de Édipo é no mínimo um desrespeito com a complexidade e pluralidade dos sujeitos e da sociedade. E também me coloco em contraposição a concepção vigente do conceito de violência e por conseqüência a concepção de vítima que reduz todos os fenômenos relacionados a essa questão em conceitos que imobilizam o desenvolvimento emocional dos sujeitos.

Com a colocação do parágrafo anterior é necessário que sejam realizados alguns esclarecimentos relacionados a minha posição sobre violência, sobretudo às sexuais. A literatura relacionada mais especificamente o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) considera como violência sexual qualquer ato envolvendo sexo relacionando um homem mais velho de qualquer idade e uma mulher mais nova até quatorze anos. Por exemplo, se configura como violência um homem de trinta anos que mantém relações sexuais com uma menina de quatorze anos mesmo sendo consentida. E também é considerada violência um menino de dezesseis anos que mantém relações com a menina de quatorze anos igual ao anterior.

Eu considero negligente e reducionista uma vez que conceitos relacionados à violência principalmente às psicológicas não podem ser reduzidos a definições do que é isso ou aquilo. De modo que todo o contexto ou sentido daquela relação para os envolvidos seja menosprezado ou negligenciado. No caso da mulher que sofreu estupro, socialmente e individualmente pode ser considerado um caso de violência porque a princípio não houve consentimento por parte da vítima de todo o ato. Entretanto, nos casos relacionados a pessoas que tiveram experiências incestuosas não necessariamente elas sofreram violência pelo menos em âmbitos psicológicos já que o relacionamento poderia não causar sofrimento e era prazeroso. Entretanto nesses e em todos os casos, as questões sociais que entram permeando esses ambientes contribuem para a configuração e o sentido da violência na vida dessas pessoas. Essas questões sociais podem ser compreendidas por meio do conceito de subjetividade social de Gonzalez Rey, pois o mesmo oferece a possibilidade de entender o funcionamento da sociedade em todas as suas manifestações complexas nos variados fenômenos que envolvem a vida do sujeito. Gonzalez Rey (2003) define subjetividade social da seguinte maneira:

(...) Um sistema de relações complexas do sistema de configuração subjetiva dos diferentes espaços social e individual que se configuram entre si definindo complexas configurações subjetivas na organização social. Ele exhibe formas de organização complexa ligada aos diferentes processos de institucionalização e ação dos sujeitos nos diferentes espaços da vida social, dos quais vem elemento de sentido procedente de outros espaços sociais (p.205).

A concepção de vítima, nessas questões é outro ponto que está diretamente relacionado ao entendimento do significado de violência. Nesses casos em que a maioria dos teóricos reflete sobre violência colocando o mesmo significado e sentido para todos os tipos de relacionamentos. De forma que essa dinâmica fará com que todas as pessoas envolvidas nessas relações e que estão de algum modo em desvantagem sejam consideradas vítimas. E a partir desse raciocínio, curiosamente elas poderão ser entendidas e compreendidas como vítimas indefinidamente em todos os momentos das suas vidas.

Outro ponto de discordância em relação à interpretação da maior parte da literatura e de alguns profissionais está relacionada ao significado dessa situação e também a forma que ela deve ser tratada. Os sujeitos são vítimas de uma determinada situação e que passando a mesma, de forma que tenham respeito ao acontecido, elas não devem ser tratadas de forma diferente daquele momento para frente deixando em detrimento todos os outros momentos da vida em questão. De forma que as mulheres que foram vítimas de estupro sofreram violência e são vítimas naquele momento, mas, que não significa que as mesmas vão construir as suas vivências dali para frente baseada nessa violência. No caso das mulheres que passaram por situações incestuosas não significa necessariamente que elas sejam vítimas uma vez que o relacionamento pode não ter se configurado como abuso por não ter necessariamente gerado sofrimento. De forma que nesse caso esse tratamento pode ser considerado mais inadequado ainda.

Entretanto, a autora não se coloca a favor desse fenômeno em nenhum momento e também não o considera como uma questão menor do desenvolvimento, uma vez que para a maioria dos sujeitos envolvidos, na sociedade atual, é um grande gerador de sofrimento e angústias. E sim a mesma se posiciona contra a maioria das explicações que reduzem o ser humano a simples categorias como já foi explanado em outros momentos desse trabalho.

Apesar de acreditar que o significado ou sentido das experiências é único para cada indivíduo e por isso ter uma visão diferenciada da maioria dos autores que refletem sobre os fenômenos envolvidos nesse tema, os relatos das mulheres que participaram da pesquisa demonstra a vivência do relacionamento incestuoso como uma forma de sofrimento que gerou desdobramentos considerados por elas e pela autora ruins em quase senão todos os setores de suas vidas. Deve ser considerado óbvio que a interpretação e significado do que é ruim está relacionado à individualidade de cada sujeito, sendo a mesma influenciada e influenciadora da sociedade e cultura no qual o mesmo está inserido.

O ponto inicial desse estudo está relacionado à construção da identidade dessas mulheres que a partir de um momento, que não é necessariamente cronológico, a sociedade cria mecanismos para que a pessoa deixa de ser considerada e de sentir-se

“normal”. Uma vez que a mesma deixa de fazer parte de um grupo familiar no qual os membros se protegem e tem uma série de códigos que a maior parte dos grupos sociais aceitam e valorizam. E a partir desse ponto, elas entram na “categoria de vítimas” que fatalmente irão construir a sua história fundamentada nesse ponto e de alguma maneira irão utilizar esse estereótipo para justificarem as suas escolhas mesmo que sejam de forma involuntária.

Configuração da sexualidade

A sexualidade é um campo da constituição do sujeito que alguns teóricos como Freud coloca como o ponto mais importante do desenvolvimento humano, uma vez que para ele questões mal ou não resolvidas podem desencadear processos patológicos muito graves como, por exemplo, a neurose ou a psicose. Contudo, atualmente existem correntes de pensamentos que não consideram as questões relacionadas à sexualidade dessa forma já que pelo menos teoricamente atualmente, a sociedade não percebe a sexualidade como um tabu como era na Europa do século XIX. E sim como um campo do desenvolvimento humano que se não for bem constituído poderá gerar problemas como todas as outras questões relacionadas ao complexo desenvolvimento do indivíduo.

Mesmo com todo esse avanço, ou talvez a melhor palavra seja, modificação relacionada à sexualidade ou ainda ao tratamento do sexo, podendo ser exemplificado com as seguintes colocações como: a forma que esse assunto é tratado entre as pessoas, a iniciação sexual precoce, que deixou de ser uma característica masculina, e até as questões relacionadas à organização dos relacionamentos afetivos e também das novas formas de organização familiar. Ainda assim pode ser considerado errôneo pensar em sujeitos que já estão totalmente livres de pensamentos ou concepções relacionados à sexualidade como o prazer ou orgasmo ser um “direito” masculino e também como a mulher ser “propriedade” do homem que dependendo da fase da vida pode estar relacionada a quem desempenha a função de provedor podendo ser o pai ou o marido.

Essa concepção não aparece de forma tão simplificada como está sendo colocada nos parágrafos anteriores uma vez que os sujeitos envolvidos a manifestam, através, de formas variadas já que os movimentos sociais passam pelo que pode ser

considerado um momento de transição na qual existem resquícios de uma sociedade nitidamente patriarcal e traços de um novo movimento que busca igualdade de direitos entre homens e mulheres que vão além dos que constam, por exemplo, na constituição.

As mulheres que tiveram um relacionamento incestuoso estão inseridas nesse complexo contexto. Entretanto, essas relações estão muito mais confusas do que da maioria das pessoas uma vez que além das questões conflitivas consideradas naturais que a sociedade coloca para todos os membros, elas agregam em suas inter-relações outras questões relacionadas com as expectativas que a sociedade tem delas como, por exemplo, o relacionamento esperado normal entre os envolvidos entre outras. Uma vez que para a maioria dessas mulheres é complicado atendê-las uma vez que não existem reforçadores eficazes para manter essa troca social, de forma saudável, proposta subliminarmente entre os membros.

Construção da Sexualidade por mulheres que passaram por um contexto incestuoso.

Então virão a seguir frações de relatos, reflexões e um pouco das histórias que foram transcritas pelos profissionais do projeto que colocam bem todas as questões levantadas que estão relacionadas à sexualidade. Entretanto, ela deve ser considerada apenas como uma nuance de todo esse fenômeno complexo que envolve a construção da identidade das mulheres.

* Leda atualmente está com 32 anos é casada e foi encaminhada ao projeto Margarida por um Clínico Geral. Ela levou ao conhecimento do médico que estava muito angustiada porque o sobrinho de doze anos estava abusando de sua filha que, atualmente, está com seis anos. Ela foi escolhida para fazer parte dessa pesquisa porque na adolescência foi abusada por um namorado da mãe. Ela revelou o acontecimento na fase adulta durante uma briga com a mãe.

Leda não fala diretamente de sua vida sexual anterior ao casamento nem a atual com seu marido. Entretanto, em seus relatos ela fala com muita frequência da vida sexual ativa da mãe e do irmão pai de seu sobrinho. De forma que ela considera promiscua a vida dos dois. Em trechos da conversa ela descreve a mãe da seguinte maneira: “A minha mãe não pode passar sem homem” e ainda se refere à mãe depois

de uma briga por causa do namorado da segunda: “Quando eu era criança minha mãe me levava para a casa das amigas delas e lá ela se encontrava com homens e se trancava no quarto com eles”. Depois da descrição dessa lembrança ela fala que a mãe é extremamente permissiva, não é recatada e também é muito indiscreta em relação a sua vida sexual. Ela fala do namorado atual da mãe com insatisfação e a até então a última briga estava relacionada a ele. Ela relata não gostar que a mãe, mesmo na casa dela, se tranque no quarto com o namorado para ter relações sexuais.

*Keila, atualmente, está com dezenove anos e veio do interior da Bahia para Brasília ainda adolescente. Ela saiu de sua cidade porque o seu padrasto ameaçou matá-la depois que ela contou que ele abusava dela. Ela relata que foi abusada pelo padrasto dos oito aos doze anos e que por muitos momentos gostava. Ela fala que ele pedia para ela tirar a roupa porque ele precisava vê-la crescendo. E ainda relata que se sentia seduzida e que seduzia. E ainda fala do ciúme sentido entre ele e a mãe e que gostava de dormir entre os dois.

Ela chegou ao projeto se queixando de solidão e da insatisfação na sua vida sexual. Ela relata que a primeira relação sexual consentida foi muito ruim e que teve sangramentos por muitos dias. A partir de então, ela tentou ter relações várias vezes. Segundo seu relato “eu estava tentando saber se eu era normal”. Durante esse encontro ela fala o tempo todo do desconforto, das dores e da frustração de não conseguir sentir prazer. Ela diz “Os homens só querem saber de sexo e depois cai fora”. Nos estudos de caso que o grupo faz mensalmente e depois de cada atendimento, a impressão que ela passa a respeito de si mesma está relacionada à sedução e também uma abertura maior relacionada ao sexo para a maioria dos homens. Durante os atendimentos, ela paquera o psicólogo do grupo e também faz relatos relacionados a essas questões que a evidenciam.

* Claudete atualmente está com 33 anos e chegou ao projeto encaminhada pela delegacia após ter sofrido violência sexual (estupro). Ela apresentou muita resistência ao projeto no início, entretanto, no decorrer dos atendimentos foi ficando mais à vontade. Ela relata que sofreu o primeiro abuso sexual com penetração vaginal aos nove anos por um tio adolescente.

Ela relata que a família sempre a viu como namoradeira e por isso os abusos sempre foram negligenciados. O que pode ser percebido, através, da reprodução da fala da mãe, mas, feita por ela a seguir: “Ela sempre foi namoradeira, saideira e vagabunda”. E em relação a sua própria sexualidade quando ela diz “que homem só quer saber de transar”. E também que nunca sentiu prazer em suas relações sexuais.

* Lucineide atualmente está com 31 anos e está casada a doze anos com um homem 20 anos mais velha que ela. Ela chegou ao projeto convocada pelos profissionais porque os mesmos estavam fazendo o acompanhamento de sua filha que atualmente está com doze anos. A menina chegou ao projeto encaminhada pelo conselho tutelar por ter sofrido abuso sexual pelo tio aos seis anos de idade. A mãe faz acompanhamento psiquiátrico por ter crises depressivas. Ela relata ter sofrido abuso sexual na adolescência e que a menina relembra todo sofrimento passado por ela.

Ela relata o casamento como um suplício e que só se casou para se sustentar e a filha. Diz ter se prostituído pela filha Relata ter vida sexual morna já que como ela diz: “eu não tenho muita vontade... é morno”. Ou ainda: “Eu me sinto uma pessoa inútil, covarde e escrava... é como se eu tivesse no tempo da escravidão”.

A questão do gênero coloca muito bem o fenômeno da sexualidade e os outros pontos do desenvolvimento feminino no imaginário social. A mulher dentro desse imaginário desempenha papéis que não seriam percebidos em seus detalhes ou da forma que de fato é no íntimo das pessoas se fossem questionados de maneira explícita sobre o tema.

A sexualidade, dentro desse imaginário, está envolta em mitos e crenças uma vez que ainda não é permitida a sociedade interagir com esse tema de forma aberta quando é relacionado ao feminino. Mesmo que a mídia ou outros meios de comunicação ou artísticos queiram colocar o sexo ou a sexualidade na vida das pessoas de qualquer maneira com o total despudor que é tratado por boa parte dessa camada.

A mulher ao mesmo tempo em que é considerada sagrada, por exemplo, Maria-mãe de Jesus, também, é considerada como fonte do pecado e da perdição na vida das pessoas como Maria Madalena que é considerada fonte de pecado e perdição na vida de muitos homens.

Os exemplos do parágrafo anterior demonstram a dualidade que está constantemente em conflito no imaginário das pessoas do que é ser feminino. A construção dessa identidade gera vários conflitos entre as pessoas uma vez que o peso que é dado em cada uma dessas imagens varia de acordo com o desenvolvimento individual de cada sujeito.

De forma que a sexualidade feminina é fonte de criações consideradas sublimes como Jesus, também é fonte de diversas manifestações da perdição humana. Então foi nesse misto de sacralidade e pecado que o sentido ou significado do feminino foi criado. As proibições e as condutas que foram impostas às mulheres significam a dominação do pecado e a obrigação da manifestação do sacro na vida das pessoas. E conseqüentemente a mulher que se comporta com resignação e se coloca de uma forma que não desperte a fúria do homem será protegida e não despertará o mal nas pessoas e por esse motivo ela não carrega a “culpa” de ser responsável por esses dissabores durante a vida.

Então no imaginário da sociedade atual, a sexualidade feminina é vista a partir do misto desses dois fatores que se manifestam entrelaçados a todo tempo. A partir desse raciocínio a concepção é entendida como a manifestação do sublime ao mesmo tempo em que prática sexual se não for realizada dentro de uma determinada conduta é entendida como uma maneira de perdição entre os envolvidos.

A partir dessa perspectiva é fácil entender como se organizaram as expectativas que envolveram a mulher, em relação as suas obrigações e deveres relacionados à sociedade como um todo. E também é fácil perceber quais seriam os ganhos relacionados ao cumprimento desses deveres como a proteção das mesmas em relação às investidas masculinas relacionadas as mais variadas formas de sexo.

Dentro da perspectiva que foi colocada em outros parágrafos, anteriormente, sobre sexualidade é fácil perceber como é conturbado esse ponto para essas mulheres que passaram por esse contexto e que deram sentidos ruins a essa experiência. Uma vez que a sociedade atual não considera “normal” relacionamento amoroso-afetivo entre familiares, principalmente entre membros que apresentam consangüinidade próxima como é o caso de irmãos ou pais. Essa colocação parece óbvia, entretanto, como nesse caso o que define sofrimento são as questões impostas pela sociedade

que organizam como acontecerá a sociabilização e a construção da identidade dos os seus membros é importante colocá-la. Pois essa é uma premissa básica norteadora das construções, principalmente familiares atuais.

As pacientes demonstram que as suas vidas afetivas relacionadas à sexualidade são ruins e muito desequilibradas mesmo variando as formas de demonstrá-las. De forma que elas passam por extremos que vão do puritanismo buscado através do matrimônio como é o caso de Leda e Lucineide, obviamente com variações entre os seus motivos. Até a promiscuidade de relacionamentos não duradouros passando por fases em que as mesmas buscam experiências sexuais com intuito de testarem a sua normalidade, conforme pode ser visto, acima, nos relatos de Keila e Claudete.

A sexualidade é o ponto fundamental que norteia a vida e o desenvolvimento das mulheres que tiveram experiências incestuosas em algum momento de suas vidas. Infelizmente, mesmo que pareça reducionista essa afirmação foi constatada nos relatos das participantes da pesquisa na maioria se não em todos os setores de suas vidas.

Os relacionamentos afetivo-amorosos que envolvem parceiros de outros ou do mesmo sexo é o desdobramento que apresenta ligação mais tênue com a construção da sexualidade, de forma que quanto maior for o equilíbrio entre os fatores relacionados mais saudáveis poderão ser os relacionamentos.

De modo que as pacientes que passaram pelo projeto relatam a dificuldade em estabelecer relacionamentos e por conseqüência se relacionar afetivamente com os seus parceiros.

Keila relata em todas as suas narrativas durante as atividades psicoterápicas a dificuldade em estabelecer relacionamentos afetivos que de pode ser observado nas seguintes falas: “*Os homens só querem sexo e depois caem fora*” ou “*eu não sirvo para essas coisas*”. E que é uma crença recorrente nos relatos de Claudete que apresenta falas semelhantes em relação a Keila que vem expressa a seguir: “*As minhas relações sexuais não são boas*” e os “*os homens só querem transar*”.

No caso das mulheres que chegaram ao projeto e eram casadas, as mesmas relatam a dificuldade de manter a qualidade da relação e por conseqüência manter o matrimônio. No caso de Leda que pode ser visto na seguinte colocação “*A minha relação com o Armando é ruim porque ele é alcoólatra*”. E também no caso de

Lucineide que fala a respeito do relacionamento com o marido. “*Eu tive que me prostituir para manter a mim e a minha filha*” e em seus relatos fala do baixo apetite sexual considerando precária a relação com o marido.

As mulheres demonstram em seus relatos a baixa auto-estima que permeiam a sua vida. Elas construíram uma auto-imagem negativa e a partir desse ponto procuram formas ou parceiros que contribuam para manter ou aumentar esse despreparo.

O mesmo pode ser percebido de várias formas pela descrição que elas fazem de suas vidas em relação aos parceiros que são os seguintes: infantilização, negação em desempenhar as funções sociais esperadas, desqualificação delas próprias e dependência incondicional financeira e emocional.

Construção da identidade familiar nas relações familiares nuclear

De acordo com os relatos, a deturpação na auto imagem dessas mulheres começou a ser formada na infância, pois foi nesse período que se iniciou a maioria dos relacionamentos incestuosos.

Os relatos que serão transcritos a seguir demonstram mais ou menos o início desse processo, que começa de forma geral com o sentimento de abandono emocional que as mesmas sentiram em relação aos seus responsáveis.

Claudete se refere a esse abandono emocional rememorando o que a mãe falava para ela na infância: “*Eu deveria ter te matado*” e “*te jogado no vaso e dado descarga*”. Ou ainda quando ela conta outros episódios de agressões físicas e verbais de sua história que certamente deve ser considerada de abandono e desqualificação. Nesse caso ela ainda rememora outras formas de agressões verbais realizadas por parentes já na adolescência: “*Ela sempre foi namoradeira saideira*” ou “*é vagabunda*”.

No caso de Keila esse sentimento de abandono é rememorado quando ela conta a sua história familiar. Ela a inicia falando que morou com a avó materna até os oito anos e depois sem grandes explicações mudou-se para a casa da mãe que havia se casado pela segunda vez. De forma que foi mais ou menos nesse período que os abusos começaram. Aos treze anos ela descobriu onde seu pai biológico morava e a partir de então começou a entrar em contato com ele. Ela foi morar com ele, entretanto, as lembranças desse período não podem ser consideradas boas. De acordo com seu relato o pai a considerava uma fonte de pecado em sua casa já que ele era pastor

evangélico e a mesma era católica. Desse período as lembranças existentes são de muitas brigas e sofrimento por causa da não aceitação do pai como ela era e pelas menções de arrependimento que o mesmo sentia pelo seu nascimento. De volta a casa de sua mãe ela relembra as constantes brigas que elas tinham por causa do padrasto. De forma que foi em uma dessas que a mesma contou os abusos que vinha sofrendo do seu padrasto. E com essa briga ela foi ameaçada de morte e expulsa de casa pela mãe.

No caso de Lucineide o sentimento de abandono é relatado quando a mesma foi expulsa de casa por ter engravidado ainda solteira. A mesma rememora essa fase dizendo que esse foi o início do seu sofrimento mesmo tendo sofrido abuso sexual na infância. Ela relata que *“A família toda me rejeitou... não me cumprimentavam ou me recebiam em casa... eu passei fome e muita necessidade”*.

E por último no caso de Leda a mesma relembra o abandono descrevendo as aventuras amorosas de sua mãe, na qual em uma delas foi abusada por um dos namorados da mesma. E também com as brigas que as mesmas tinham desde a infância quando ela descobriu que não era filha de Luiz. Contudo não sabe quem é o seu pai verdadeiro.

Infelizmente em toda a trajetória de vida dessas mulheres o sentimento de abandono e desqualificação foi sendo formado por diversas formas que se definiram pelas opções de vida das mesmas. Uma vez que elas se constituíram como “objetos” que deveriam dar prazer ao mesmo tempo em que elas deveriam se colocar à margem de qualquer expectativa de construção de vida diferente das que elas conheciam.

Constituição das próprias famílias.

No caso das mulheres que já escolheram o matrimônio, os danos que essas relações causaram já estão bem mais sérios, pois as mesmas já estão passando para outras gerações uma vez que os filhos já começam também a ter prejuízos emocionais. Leda e Lucineide chegaram ao projeto por causa dos filhos que já estão passando por situações de abuso inclusive os sexuais.

Nesse ponto a evolução da vida dessas mulheres que até então eram muito parecidas começa a ter diferenças. Leda mesmo tendo passado por essa experiência incestuosa, os danos causados me parece menor por causa do significado que ela deu

a essa experiência. De forma que a vida dela está menos voltada para a experiência vivida mesmo que o casamento não esteja ou não tenha sido como ela gostaria. A sua vida está menos atrelada às outras pessoas de forma que ela a controla muito melhor. Com isso a violência que a filha foi vítima é passível de ter uma solução melhor, pois Lucineide tem recursos emocionais para protegê-la.

O abuso sexual sofrido por Lucineide em seus relatos não é mencionado muitas vezes ao contrário de Leda, entretanto, por suas escolhas de vida o mesmo se manteve presente em praticamente todos os momentos de sua vida. De forma que ela demarca a acentuação do mesmo a partir da gravidez de Jéssica que a obriga a tomar decisões que antes eram inimagináveis. A escolha do casamento é verbalizada por ela como tendo sido a única escolha possível para sua sobrevivência, mesmo não sentindo nenhum tipo de afeto por esse marido. A partir desse ponto a sua vida degradingou e surgiram vários episódios depressivos e tentativa de auto-extermínio. *“Eu já tentei me matar com uma faca depois que o meu marido me agrediu, mas, ele não deixou”*.

O significado que Lucineide deu a sua vida foi predominantemente de incapacidade que se manifesta nos mais diversos setores de sua vida. A dificuldade em administrar a própria vida gera várias complicações com desdobramentos na vida de outras pessoas como os filhos, por exemplo. Nesse caso os mesmos estão muito mais envolvidos porque eles vivem num contexto de violência e não há quem os proteja. Entretanto, não se deve considerar que Lucineide seja completamente omissa porque ela reconhece a necessidade, mas se apóia na crença nutrida por vários anos de incapacidade de se cuidar e de ser cuidadora. *“Eu não consigo cuidar de Jéssica quando Simplicio a xinga chamando-a de nega peituda ou quando diz que ele não tem obrigações com ela por que não é seu pai”* e então *“eu digo para ela estudar para ela sair dessa vida”*. No âmbito relacionado à dificuldade de ao auto cuidado pode ser percebido na visita domiciliar. Ela aconteceu inesperadamente para a família e por esse motivo foi muito rica a experiência, pois propiciou a visualização de um pouco da dinâmica familiar. A observação foi fundamental, pois sempre que Lucineide freqüentava o projeto ela não demonstrava ou relatava os detalhes de toda aquela dinâmica. Nesse caso foi possível observar a mesma com os efeitos dos antidepressivos e também o relacionamento com os outros filhos e a interação com o

marido. Nesse caso foi muito triste conhecer aquela realidade uma vez que foi possível perceber completamente ou de forma muito mais rica aquela dinâmica familiar que traz sofrimento para todos os membros daquele grupo.

Esse tópico esclarece muito bem os referentes teóricos que embasam a pesquisa nos seguintes âmbitos. O primeiro se refere ao sofrimento das vítimas que passaram por um contexto incestuoso. O ponto de partida desse contexto está fixado na troca de papéis do relacionamento entre mãe e filha no qual a mãe abdica de suas funções e responsabilidades dentro do contexto familiar. E assim obriga a filha ou as filhas a ocuparem o seu lugar e desempenharem as suas funções com o intuito de manter em equilíbrio uma dinâmica que está completamente degringolada. O outro ponto que a literatura expõe é a questão da confusão de papéis nessa dinâmica na qual é imposta as crianças ou adolescentes nesse caso pelos genitores uma vez que agora as questões sociais se tornaram menos importantes dentro desse grupo e por consequência é permitido de forma velada vários tipos de comportamentos como o tema em questão.

O segundo ponto teórico que pode ser muito bem visualizado está relacionado à possibilidade de coleta de dados em situações consideradas informais no contexto de pesquisa. No qual todos os tipos de informações que chegam ao pesquisador são consideradas importantes e tem relevância para o tema a ser pesquisado.

Os relacionamentos que se estabelecem no contexto incestuoso como já pode ser percebido por toda a pesquisa nos relatos das pacientes está organizado de forma cíclica. Isso significa que os elos mantenedores dessas relações não se rompem ou apresentam falhas para que as mulheres envolvidas consigam sair desse modelo e não voltem mais uma vez que causa sofrimento aos envolvidos.

O relacionamento mais próximo que justifica a reflexão do parágrafo anterior está relacionado à maternidade uma vez que a mãe é uma das envolvidas que mantém essa dinâmica familiar, pois a mesma pode ser considerada como o “elo” mais forte que une os membros dentro do grupo familiar na sociedade atual.

Os relatos das pacientes em outros momentos desse capítulo expõem muito bem essa dinâmica uma vez que as mães das mesmas se omitiam em relação aos acontecimentos dessa família e por consequência permitiam que esses

relacionamentos se mantivessem. Nesses casos o abandono que se instaura e a identificação das filhas com as mães são os principais fatores que contribuem para estabelecer alguns comportamentos durante toda a vida da então mulher. De forma que algumas dessas mulheres, atualmente, mães já expõe seus filhos e mais provavelmente as filhas a situações de risco e em alguns casos já ocorreram novas situações de abuso que não necessariamente as incestuosas.

A manutenção dessa dinâmica pelas pacientes é involuntária, pois as mesmas em seus relatos tentam fazer com que as suas filhas não se envolvam nesse quadro de violência e abandono que vai além do momento incestuoso, mas é demarcado por ele. Essa tentativa de retirada pode ser entendida quando Lucineide fala para Jéssica nos momentos de crise *“eu digo para ela estudar para ela sair dessa vida”* ou quando Leda retira Amanda da convivência da maioria dos homens e busca manter relacionamentos diferentes do modelo que a mãe mantinha. Entretanto a concepção ou a identidade que elas construíram de si mesmas impossibilita essa proteção uma vez que veladamente elas mantêm padrões de comportamentos que alimentam os relacionamentos dentro dessa dinâmica. Como é o caso de Leda e Lucineide que por motivos variados não expõe ou colocam em questão os envolvidos e assim dão início aos segredos que permeiam essa dinâmica.

Leda relata que não vai levar a público e tentar uma solução considerada por ela *“drástica”* para *“manter o meu casamento, pois eu não quero me separar para não correr o risco de levar a vida igual a minha mãe e também para eu não correr o risco de perder a guarda da minha filha”*. E no caso de Lucineide a mãe dela não deixou o seu irmão ser preso porque ela é custeada financeiramente por ela, então, a mesma saiu de casa com o marido, entretanto, ela não se separa dele que também abusa psicologicamente dela e da filha *“porque ele sustenta a casa e eu não teria como manter os meus filhos”*.

A forma de “proteção” das mães e das filhas gera o que a literatura denomina como “segredos de família” que tem como principal característica os assuntos que não são conversados, mas que regem os comportamentos dos membros daquela dinâmica familiar e assim se perpetua esses relacionamentos que causam sofrimento por muito tempo e não são passíveis de solução.

Considerações Finais

O incesto como pode ser compreendido pelas reflexões em todos os capítulos dessa pesquisa é um fenômeno complexo e com várias explicações para a ocorrência e manutenção do mesmo. De acordo com a vertente de estudo que esse trabalho foi escrito o incesto é compreendido como um fenômeno que traz sofrimento, apenas, porque a sociedade atualmente não permite relacionamentos que modifiquem a dinâmica familiar que se tornou tradicional. Na qual os genitores aparecem como provedores emocionais e financeiros dos filhos até uma determinada idade e que também os mesmos tem que desempenhar uma série de papéis para serem considerados merecedores dessa proteção que lhes é oferecida.

O incesto dentro dessa dinâmica é proibido pela sociedade e essa proibição normalmente é mantida por reforçadores que a mesma oferece aos membros da sociedade. Nesse caso a quebra gera várias conseqüências ruins para os envolvidos e por esse motivo são iniciados movimentos que geram as relações denominadas de segredos familiares que buscam atenuar os danos que eles seriam alvos.

O sofrimento pelo qual as pessoas são acometidas quando passam por esse tipo de relacionamento está vinculada às questões sociais como dificuldade em se identificar com os outros membros da sociedade e com isso ser diferente do que usualmente é conhecido.

As pacientes que participaram dessa pesquisa todas manifestaram sofrimento em relação aos acontecimentos relacionados a esse assunto durante toda a sua vida. Esse sofrimento gerou construções que inviabilizam muitos espaços de suas vidas como a amorosa, familiar e trabalho, por exemplo.

As mulheres que passaram por esse contexto incestuoso desenvolveram a sua sexualidade de uma forma que pode ser considerada patológica, pois, o significado dado a esse espaço de suas vidas causa muito sofrimento e dor. Uma vez que o contexto no qual elas estavam inseridas em quase todos os momentos podem ser considerados confusos já que elas viviam em dinâmicas que não se complementavam que no caso era a familiar e a social. Nesse sentido as suas configurações pessoais se organizaram de forma muito confusa já que nos seus imaginários a subjetividade social e também individual não se complementavam e estavam o tempo todo conflitando.

A sexualidade colocada como ponto norteador nos seus desenvolvimentos gerou danos, como pode ser visto em toda a pesquisa, em todos os setores de suas vidas uma vez que todas as relações se estabeleciam ao redor dessa questão.

Então desde os relacionamentos desde os intrafamiliares até os afetivos extrafamiliares estão completamente afetados com essa dificuldade relacionada à própria aceitação. De forma que as relações fraternais são extremamente estremecidas, pois há troca de papéis entre os envolvidos. Os filhos começam a desempenhar as maternas e no caso as mulheres se infantilizam de tal forma que elas ficam à margem do grupo familiar. E também os relacionamentos maritais também são muito confusos, pois, elas abdicam de suas funções de forma não verbalizada dentro do relacionamento. Entretanto, existe uma grande confusão que pode ser considerada psíquica, pois, elas se sentem traídas ou preteridas pelos membros dessas relações uma vez que a dinâmica se organizou de maneira tal que elas foram excluídas das relações.

Nesses casos também deve ser pontuado que a parcela de “culpa” existente nesses contextos também é delas já que elas usam o seu “manto” de vítimas e se desresponsabilizam de suas vidas.

A reorganização familiar é fundamental para mudar essa dinâmica uma vez que é a mesma que degradinga todo desenvolvimento emocional dos envolvidos no momento em que se instaura os chamados “segredos familiares”. Entretanto esse processo é muito complicado e doloroso no que se refere aos envolvidos, pois, de alguma forma dentro dessas relações eles se protegiam.

Bibliografia

- Ariès, Philippe. História Social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC. 2ª ed.
- Butler, Sandra. A conspiração do silêncio: A trama do incesto. Rio de Janeiro: S.D 1979.
- De Antoni, Clarissa and Koller, Sílvia Helena A visão de família entre as adolescentes que sofreram Violência intrafamiliar. Estud. Psicol. (Natal), Dezembro 2000, vol.5 no.2.
- Faiman, Carla & Segre Julia. Abuso sexual em família: à violência do incesto à luz da Psicanálise. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.
- Gonzalez Rey, Fernando Luiz. Sujeito e subjetividade: Uma aproximação histórica Cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- Gonzalez Rey, Fernando Luiz. Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- Pizá, Graça & Ferrarese, Gabriella. A violência silenciosa do incesto. Rio de Janeiro: Imprensa oficial do Estado de São Paulo. Clínica psicanalítica da violência, 2004.
- Flick, Uwe. Uma Introdução à pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2004.